

IGOR TEO

COMO
ALCANÇAR
O SUCESSO

E INEVITAVELMENTE
MORRER



Todo conteúdo original é de autoria de Igor Teo

Para conhecer mais sobre o autor, visite o site:

igorteo.com.br

Esta é uma Edição Textos para Reflexão

Para conhecer outras obras, visite o blog:

textosparareflexao.blogspot.com

Design da capa: Ayon

Foto da capa: Ian Schneider, sob licença Creative Commons

Zero (Unsplash)

Composto com Garamond

Copyright © 2017 por Igor Teo (v1.0)

Todos os direitos reservados

A presente obra foi disponibilizada pelo seu autor gratuitamente para a *internet*. Como retribuição, caso nosso livro tenha agradado ao leitor, pedimos um pequeno pagamento simbólico: indique e envie ao menos a um ou dois amigos que possam se interessar pelo assunto ou compartilhe em suas redes sociais.

A divulgação de uma obra pode não ser uma tarefa exorbitante para o leitor, mas para o autor é uma grande contribuição.

Agradecemos profundamente!

Como alcançar o sucesso e inevitavelmente morrer

Algo me aflige no século XXI: como podemos pensar uma filosofia para esse século? Pois ao estudarmos a história da filosofia, vemos como em cada época, aqueles que se disseram filósofos de sua geração se ocuparam da árdua tarefa de criar conceitos, traçar linhas de investigação, chegar a determinadas conclusões. Mas em nome de quê? O que nos anima a filosofar? Hegel (1770-1831) afirmava que, por não existir uma filosofia absoluta e universal alheia ao próprio tempo e espaço para nos servir de base, cada filósofo deve, ao seu próprio modo, reinventar a filosofia. O que faz da filosofia, por mais antiga, um exercício sempre jovem. Sua constante reinvenção é fonte do seu eterno rejuvenescimento.

Neste ensaio, pretendo pensar numa filosofia para o século XXI que toque nas questões da nossa geração. Afinal, para tanto há a filosofia. Todo conhecimento

é sempre uma tentativa de lidar com algo enigmático, uma questão que se faz presente e nos atormenta. Dos problemas da física aos impasses sociológicos. Os tormentos pelos quais passaram Sócrates, Schopenhauer, Albert Camus, dentre tantos outros grandes pensadores, foram as motivações de seus respectivos pensamentos. Sócrates se viu em meio a um tempo em que os sofistas se utilizavam da dialética para vencer debates, mas estavam pouco preocupados com o estatuto da verdade em seus argumentos. Sócrates questionou os métodos que teríamos para alcançar um conhecimento verdadeiro. Schopenhauer percebeu que viver era frequentemente sinônimo de sofrimento e desconforto. Sua filosofia se perguntava como poderíamos superar a dor. Albert Camus acreditava que o único problema filosófico sério era a questão do suicídio. O que nos faz escolher a vida e não simplesmente a morte diante do absurdo que é a existência? A resposta é a filosofia de Camus.

Caso meus leitores esperem um longo discurso acadêmico, ficarão decepcionados. Meu objetivo não é fazer filosofia para filósofos, mas para as pessoas. Compreendo que os assuntos mais complexos

precisam de uma abordagem que esteja à altura, o que justifica a prolixidade dos acadêmicos. Mas entre um acadêmico e um neófito, que busca se aproximar da filosofia para dela se nutrir de alguns ensinamentos essenciais, há uma grande diferença. Portanto, não me preocupo com a recepção de tal obra entre os cultos, mas quero mesmo falar às pessoas comuns. Afinal, a filosofia não deve servir apenas como um floreio erudito, um passatempo para intelectuais.

Desde sua origem, a filosofia estava relacionada à solução de problemas reais: questões políticas, matemáticas, sociais, espirituais. Muitas de nossas crenças atuais estão assentadas em profundas discussões filosóficas do passado sem que tenhamos consciência disto na maioria das vezes. Por exemplo, se achamos comum na religiosidade ocidental imaginar que possuímos uma alma ou que possivelmente há um outro mundo a nossa espera depois da morte, devemos ser advertidos que tais concepções não são propriamente de Cristo. A existência de uma essência individual como alma ou um mundo de ideias que precedem as formas são discussões filosóficas da Antiguidade Grega.

Discussões que perduraram por séculos, e coube a Paulo, grande responsável pela popularidade do Cristianismo, unir a trágica história de um judeu rebelde àquilo que filosoficamente se debatia no Império Romano. Deste modo, a espiritualidade ocidental, pretensamente cristã, é antes de tudo helena. Os ensinamentos éticos de Cristo não nos levam necessariamente à metafísica cristã.

Quais são as bases do nosso pensamento? Por que pensamos de um modo e não outro? Somente o estudo da história pode traçar o percurso das nossas ideias, revelando se somos marxistas, freudianos, tomistas ou platônicos quando pensamos ou dizemos (a) ou (b). Meu objetivo com o presente texto, porém, não é me filiar a nenhuma discursividade específica. Certamente tenho minhas bases, as quais serão transparentes para o leitor com o prosseguimento deste ensaio. Mas me proponho a realizar uma *tarafa de Montaigne*, se me permitem criar uma expressão para definir a minha escrita.

Sempre me admirou no ensaísta Michel de Montaigne (1533-1592) o caráter livre e espontâneo de sua escrita. Montaigne não se preocupava tanto com o rigor metodológico (embora seu ceticismo e

questionamentos fossem extremamente rigorosos), ou com modelos pré-concebidos e organizados de exposição. Montaigne fazia grandes questionamentos sobre a vida, o conhecimento, as relações sociais, a cultura, ao mesmo tempo em que falava de sua vida pessoal, como, por exemplo, do horário em que ia defecar todas as manhãs¹. Tal caráter autêntico é o mesmo que pretendo imprimir ao meu ensaio. Portanto, se eu cometer excessivas digressões, se me faltar um princípio orientador, ou ainda parecer extremamente confuso e subjetivo, o leitor queira me perdoar. Mas terei assim alcançado meu objetivo. Não podemos agradar a todos, e querer agradar a muitos já é uma tarefa excessivamente dispendiosa. Ao menos espero que minha obra chegue aos leitores certos.

Nossas existências podem ser resumidas a duas tarefas básicas: viver e morrer. No entanto, se engana quem pensa se tratarem de tarefas fáceis, pois é muito difícil saber viver, e mais difícil ainda saber morrer. Como é uma vida digna de ser vivida? O que é necessário realizar para uma vida ter sentido? O que podemos esperar da morte? Há felicidade

¹ Geralmente era logo que acordava.

possível neste mundo? Perguntas às quais o leitor certamente já se fez em algum momento.

No mundo globalizado em que vivemos, onde impera a cultura do consumo, somos apenas números numa grande *big data*, entes anônimos para empresas globais que nos veem como seus potenciais clientes. Somos completamente indiferentes enquanto indivíduos para o grande mercado. Paradoxalmente, somos exigidos em nossa individualidade. Qual a nossa marca? Qual o nosso diferencial para o mundo? Seremos apenas mais um rosto no meio da multidão? É curioso que a mesma sociedade que nos confronta com nossa indiferença, exalte as personalidades individuais, como os grandes artistas, empresários e realizadores. Há uma mensagem oculta: todos são iguais e indiferentes, mas você pode ser especial. O que você é capaz de fazer para demonstrar isso e possuir seus cinco minutos de fama e sucesso como um *meme*?

Quando somos crianças, nos acostumamos com a ideia de sermos especiais. Afinal, a criança é o centro da atenção dos adultos. A criança é fofinha, engraçadinha, espertinha e bonitinha. Uma criança desperta naturalmente em nós o senso de que

devemos cuidá-la e protegê-la. Como pequena majestade, a criança assume um lugar especial na vida familiar, uma centralidade que ela deve abandonar na medida em que se torna mais velha e capaz de cuidar de si mesma. Quando adolescente, temos um sujeito que não é mais especial para a família, mas é apenas mais um membro dela. O adolescente deve se confrontar com o fato de que não é mais importante que ninguém. Na escola ele é apenas mais um estudante. Na rua ele é apenas mais um jovem. Para o mundo é apenas mais uma pessoa. Para o mercado, apenas mais um consumidor.

A revolta diante dessa percepção está descrita na música *working class hero*, composta por John Lennon em sua fase pós-Beatles. Transcrevo trechos da canção já traduzidos:

Herói da classe trabalhadora

*Logo que você nasce, eles fazem você se sentir tão pequeno
Não dando a você nenhum tempo ao invés de todo
Até que a dor seja tão grande que você não sente nada
Um herói da classe trabalhadora é algo para ser*

*Eles lhe machucam em casa e lhe batem no colégio
Eles lhe odeiam se é inteligente e desprezam se tolo*

*Até que você é tão louco que não pode seguir mais suas regras
Um herói da classe trabalhadora é algo para ser*

*Quando eles lhe torturaram e lhe machucaram por 20 estranhos
anos*

*Então eles esperavam que você escolha uma profissão
Mas você não funciona, você está cheio de medo
Um herói da classe trabalhadora é algo para ser*

*Eles mantêm você dopado com religião, sexo e TV
E você se acha tão inteligente, preparado e livre
Mas você ainda é um camponês fodido
Um herói da classe trabalhadora é algo para ser*

O adolescente é alguém que verdadeiramente se pergunta, ainda que não conscientemente: qual o meu lugar nessa grande ordem?

A rebeldia adolescente é uma forma de se rebelar contra esse mundo recém-descoberto e que parece indiferente aos nossos sonhos. Encontrar o seu próprio espaço, a sua própria identidade, diferente daquela que os pais nos outorgaram por tantos anos, é uma de nossas primeiras tarefas enquanto recém-adultos. Assim os adolescentes formam as suas tribos, seus grupinhos comuns. Quando eu era

adolescente, nos agrupávamos geralmente a partir das músicas que escutávamos. Eu fazia parte do grupo que escutava *rock*, que frequentava os shows da cidade vestidos de preto, tinha cabelo grande, e por aí vai. Por se tratar de uma cidade litoral, havia também os adolescentes que surfavam. Outros jogavam futebol e sonhavam entrar para um clube profissional. Os grupos de amizades, quando somos adolescentes, são mais que apenas amigos, são meios para tentarmos descobrir nossa própria identidade, quando podemos ser reconhecidos por pessoas às quais projetamos nossos próprios ideais. Vestir-se de preto e escutar *rock* só possui realmente valor quando nos sentimos compreendidos por outras pessoas que se vestem de preto e escutam *rock*. Curiosamente, fica evidente que o acesso para nossa própria singularidade e identidade pessoal se dá a partir da formação de grupos afins, onde não somos realmente únicos, mas iguais em nossas diferenças perante o que estão fora do grupo.

A constituição de grupos é uma tendência natural do ser humano e o primeiro grupo com o qual temos contato é a nossa própria família. A nossa família é o substituto moderno das antigas tribos. A partir dela,

nos organizamos em funções e papéis que muito mais difíceis seriam para realizarmos individualmente, garantindo assim nossa sobrevivência com maior tranquilidade e felicidade. Por mais difícil que seja lidar com a vida familiar (quantos não dizem "minha família é um inferno"?), infinitamente mais difícil seria sem ela. Quando nossos antepassados se organizavam em pequenos grupos sociais, as chamadas tribos, estes grupos tinham uma função básica: garantir a sobrevivência e o conforto dos seus membros. Eram formados laços de preferência, quando temos maior empatia por aqueles que estão mais próximos, honrando-os defender e cuidar, assim como eles se dedicam igualmente por nós. Deste modo, os papéis dentro de uma tribo familiar - sejam seus membros ligados por sangue ou não - vão desde garantir o sustento material (comida, provisões, capital), até aqueles cuja função é suprir carências mais sublimes. Como oferecer uma escuta ou uma simples presença (física ou imaginária) diante de intempéries da vida (dificuldades, decepções, doenças).

O ser humano é, por natureza, social. Não lidamos bem com a solidão e frequentemente nos sentimos

angustiados caso a ausência de pessoas que nos compreendam e que também gostamos seja demasiadamente longa. A divisão de tarefas internas a uma família não tem apenas uma função material, mas, sobretudo, é emocional. Seja esta função de ser pai, mãe, irmão ou mesmo filho. Tanto que ainda hoje em nossa sociedade a organização familiar é reinante. A existência de pessoas próximas constituindo laços de afinidade é tão essencial que, na medida em que nossa família tem um prazo de validade – admite-se que os membros mais velhos venham a falecer antes dos mais jovens – buscamos através da fantasia amorosa construir laços de perpetuação, criando assim uma nova família, um novo lar, para dar continuidade à organização que nos é mais afim. Assim temos não apenas parceiros, mas também filhos, netos... Quando mudamos de família, às vezes passamos a desempenhar papéis que eram de nossos pais. Ou mantemos nosso limite para com certos papéis na medida em que temos alguma pessoa dentro daquele círculo que possa nos amparar naquele sentido. Seja como for, tudo bem. Ninguém nunca pode tudo. Assim vão se constituindo o regime de alianças que torna nossa sobrevivência possível e confortável.

Mas o adolescente, jovem adulto, ainda tem pouca consciência da importância familiar. A consciência de tal necessidade ele só possuirá muitos anos mais tarde, talvez por volta da sua terceira década, após ter passado por muitas experiências difíceis. O adolescente deseja antes sair do espectro familiar porque seus pais são vistos como invasores desconfortáveis no seu mundo. Para uma criança, os pais são o próprio mundo. Tudo depende deles: se ela poderá sair ou não com os amigos, o que ela irá comer, ou que tipo de roupas costumará se vestir. A total dependência dos pais começa a se tornar angustiante na medida em que o jovem se percebe independente e possuidor de desejos que não precisam ser mediados por seus pais. Na verdade, a presença dos pais é extremamente desconfortável, e melhor que eles não interfiram. O que soa um tanto utópico, pois jovens não costumam possuir meios de se sustentarem sozinhos.

Diz-se que os adolescentes são utópicos e revoltados por natureza, mas o choque de acordar do sonho da infância e descobrir que o mundo é muito mais do que a casa dos pais, a vizinhança ou a escola, os impulsionam a se descobrirem para além daquilo que

foram ensinados por seus pais. Assim se questionam: quem eu realmente sou e qual o meu lugar neste mundo? Porém, o que é familiar não se perde neste ato. Ainda que, na busca pela nossa identidade, precisemos abandonar a casa dos pais, no seu sentido metafórico ou não, jamais podemos apagar qual foi o nosso ponto de partida. E um ponto de partida sempre condiciona todo o caminho que se segue a partir dele.

Afinal, por que eu nasci? Não sei se o leitor já se fez essa pergunta, mas foi uma questão que por muitos anos eu mesmo me questionei. Inicialmente busquei nas religiões uma resposta. E com religiões quero dizer muitas religiões. Budismo, hinduísmo, espiritismo, cristianismo, taoísmo, dentre tantas outras tradições, que boa parte da minha adolescência foi um estudo de religião comparada. Descobrir da minha origem também era descobrir do meu destino. Mas nenhuma resposta foi suficiente. Imaginar que irei reencarnar depois dessa vida não resolve ainda a questão do que farei depois de tantas reencarnações. A ideia de que a vida é uma forma de me elevar moralmente também não parece muito óbvia quando você questiona aonde todo esse

ascetismo deve necessariamente nos conduzir. Imaginarmos que, se formos pessoas corretas de acordo com uma moral, teremos uma vida maravilhosa num paraíso de outro mundo parece mais uma estranha prisão recompensada do que uma real utopia. Supor que a vida tem necessariamente uma regra moral parece mais um despotismo de Deus que manifestação de sua bondade. Ou, se depois de toda evolução espiritual retornamos ao não existir do seio divino, apagando nossa individualidade, toda a vida parece uma estúpida perda de tempo. Independente da resposta, a metafísica será sempre incongruente e passível de muitos questionamentos por mentes menos apaixonadas pelas suas próprias necessidades de conforto espiritual.

Optei então por um método mais direto para solucionar minha questão. Se quem me trouxe ao mundo foram meus pais, a eles que eu deveria situar minha pergunta. E o questionamento era óbvio: “Por que vocês resolveram ter um filho? O que vocês tinham em mente quando me quiseram?”. É claro que os pais possuem objetivos quanto a seus filhos. Eles sempre querem que você seja de determinada

profissão, de determinada religião, ocupe determinado lugar social. Trata-se na verdade do próprio narcisismo dos pais. Uma vez que os pais veem os filhos como suas crias, partes continuadas de si mesmos, eles desejam que os filhos alcancem o sucesso que eles mesmos não puderam alcançar em suas vidas. Os pais desejam se realizar através dos seus próprios filhos. Seus sonhos incompletos são transmitidos aos filhos como um dever. Por sua vez, os filhos se encontram alvos de uma odiosa barganha. Cumprir os sonhos dos seus pais é se sentirem amados por eles. O problema é que nem sempre sonhamos e desejamos iguais aos nossos pais. Na medida em que crescemos, ainda que parecidos em muitas coisas por conta da educação, nos descobrimos pessoas diferentes. Pensando diferente e desejando diferente. Romper com isso é mais um “desafio adolescente”.

A pergunta sobre minha origem teve uma resposta curiosa dos meus pais: “não sei, apenas achamos que era hora e quisemos ter um filho”. Se já não fosse o bastante não haver uma razão metafísica inequívoca para a existência, o desejo que um dia me fez existir era um desejo enigmático até para meus próprios

pais. Mas isso não significa que não seja um desejo sem rastros na minha vida.

Todos nós que estamos vivos só existimos hoje porque um dia alguém nos desejou. E mesmo a gravidez dita indesejada não serve de contradição para tal afirmação, porque é sempre possível interromper uma maternidade. Seja entregando a criança para outros cuidarem ou abortando, consideremos condenável moralmente ou não. Se existimos hoje, é porque em algum momento alguém nos quis. Alguém *pagou* pela nossa vida, estabelecendo um estranho sentimento inconsciente de dívida entre filhos e pais.

Muitos filhos se sentem endividados com seus pais e buscam recompensá-los pelo cuidado e carinho que lhe deram na infância. Realizarem os sonhos incompletos dos seus pais, cumprirem os desejos irrealizados deles, é uma forma de tentar pagar e apagar essa dívida, que, em última instância, é a própria dívida de vida. Entretanto, tal dívida não pode ser totalmente paga, uma vez que não se sabe qual é a moeda do seu pagamento. Será que cumprir o desejo de um pai apaga a dívida? Ser um bom homem ou uma boa mulher recompensa nossos pais

pelos seus esforços para conosco? Como podemos pagar uma dívida que não sabemos exatamente qual a sua quantia? Isto faz da dívida de vida uma dívida impagável, já que, por mais que nos esforcemos, recompensar o outro por uma vida é algo que jamais pode ser realizado. São ordens de grandeza diferentes. A menos que nós mesmos possamos dar origem à outra vida. Encontra-se aí uma das razões para a maternidade ou paternidade. Aqueles que são filhos desejam se tornarem um dia também pais ou mães, dando ao mundo um filho seu para sobre eles serem pais ou mães melhores que os seus próprios um dia foram. Trata-se de recompensar a balança, entregando a dívida para uma nova geração.

A dívida de vida é uma dívida que atravessa gerações de uma família, traçando sua continuidade simbólica. Os sobrenomes transmitidos de uma geração a outra são mais uma marca desta genealogia. Em tempos não muito antigos, ser um Silva ou um Bourbon outorgava destinos completamente diferentes. O mito do indivíduo autônomo, que cria a si mesmo a partir do nada e que de forma meritocrática constrói seu sucesso não passa de uma fantasia ideológica moderna. Todos nós possuímos uma determinada

herança com a qual temos de nos a ver. Herdamos não apenas bens, mas também as dívidas dos nossos antepassados. Principalmente as dívidas, transmitidas simbolicamente pelas gerações com seus valores e ideais.

Nascer numa favela não é igual a nascer num bairro rico. Ser filhos de brancos ou negros também, não por condições inerentemente raciais, mas pela forma como a sociedade enxerga e condiciona as oportunidades para cada um desses fenótipos. De forma similar, a experiência feminina é completamente diferente da masculina. Cada um possui a sua própria história de vida, e só podemos chegar até onde nossa história nos conduz. O que não é um fatalismo, uma vez que sempre podemos romper limites. Mas os próprios limites a serem rompidos são condicionados pelas condições de nossas origens. Isso é trágico num país marcado por profundas desigualdades com o Brasil.

Goethe (1749-1832) disse: *aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu*. Se formos para além do conceito de paternidade, podemos dizer que a partir das condições que possuímos é que devemos descobrir nosso lugar. Descobrir aquilo que

herdamos, o que disso é evidentemente nosso, e aonde queremos chegar com isso. Podemos sonhar com uma realidade alternativa onde teríamos nascidos de uma família rica ou num país diferente. Fantasiamos que nesse outro mundo distinto do nosso seríamos mais felizes, melhor compreendidos e teríamos mais oportunidades. Mas é apenas uma fantasia. O simples fato de sonharmos com esse outro mundo ideal é condicionado pela nossa própria realidade. Somos acostumados a imaginar que a felicidade do outro é mais plena apenas porque não temos acesso a todas as informações. Caso vejamos o álbum de viagem de férias de um amigo, temos acesso apenas às fotografias das belas paisagens e dos rostos felizes, mas raramente sabemos de todos os percalços, imprevistos, os custos e os problemas que foram enfrentados naquela viagem para que aquelas belas fotografias fossem tiradas. Temos a tendência a ignorar que a vida do outro pode ter tantas questões quanto as nossas.

Deste modo, somos produtos de nossa própria história. Aquilo que herdamos do nosso passado, da nossa família ou da nossa condição física ou social é

aquilo que possuímos para agir e nos movimentar no mundo. Cabe conquistar o que é nosso, instrumentalizando-nos disto para buscarmos o nosso próprio desenvolvimento pessoal. Minha origem nunca foi abastada. A condição de classe média baixa da minha família me permitiu ao menos ter acesso a um nível adequado de educação, do qual pude me aproveitar. Se minha família fosse mais pobre, talvez não tivesse nem ao menos essa oportunidade. Mas uma vez que a tive, pude fazer a escolha de me dedicar a ela e aproveitá-la. Somos os filhos das escolhas com as oportunidades.

Talvez numa família mais rica, muitas dificuldades das quais eu passei poderiam ter sido mais simples, especialmente quanto ao meu desejo de maior acesso a estudos e intercâmbios. Por outro lado, foi a experiência destas dificuldades que me permitiram ter consciência de coisas que, de outra maneira, me passariam despercebidas. Ou, para não ser determinista, teriam sido muito mais difíceis de perceber. Do mesmo modo, só puder ter consciência de inúmeros problemas emocionais e hoje como psicólogo posso trabalhá-los com meus pacientes porque eu mesmo os vivi intensamente e pude

atravessá-los. Os maiores ensinamentos vieram de minhas angústias perante a vida. Uma vida que não decidi que assim ela fosse, mas posso escolher todos os dias como vivê-la.

Herdamos uma sensação interna que algo urge para se realizar. E, enquanto essa demanda não cessa, não nos vemos inteiramente sossegados. Corremos atrás de uma expectativa abstrata de sucesso, uma maneira de atender tal demanda, que pode se manifestar de diferentes formas, pois sucesso é um termo bastante subjetivo.

Eu vivi boa parte da minha vida entre duas cidades. Cresci numa pequena cidade no litoral-interior do Rio de Janeiro, enquanto da minha maioridade em diante morei na capital. Minha mudança, motivada pelos estudos, não foi acompanhada pelos meus pais. Deste modo, logo jovem me vi morando sozinho, mas confesso que este era também um desejo pessoal desde o início da adolescência. Enquanto vivia a intensa vida urbana de uma das maiores cidades do país, ainda visitava constantemente meus pais na pequena cidade que passei minha infância e adolescência. A divisão *espaço urbano* x *espaço rural*

deixou clara para mim que era possível viver, ao menos, dois modos bem distintos de vida.

O centro urbano é culturalmente rico. É difícil não ter o que fazer num final de semana. Seja um novo filme no cinema, uma exposição cultural, uma festa em algum canto da cidade ou um encontro amoroso com alguma pessoa que você recentemente conheceu. As pequenas cidades, por sua vez, não dispõem de tamanha diversidade, tanto em termos de eventos para um final de semana quantos pensamentos e personalidades. Vejamos que, apesar do elevado número de crimes de violência motivados por homofobia, o Rio de Janeiro é ainda uma cidade que possui eventos, espaços e grupos que aceitam abertamente os homossexuais. Algo assim seria impensável na cidade onde cresci. O lazer numa cidade pequena é de traço repetitivo. São os mesmos locais a serem frequentados todo final de semana pelos mesmos grupos.

As pessoas das pequenas cidades estão acostumadas a uma vida mais simples que aquelas dos grandes centros urbanos. O aspecto conservador se reflete no pensamento e na política. Como a população também é menor, há um senso de identidade mais

próximo e reduz drasticamente a possibilidade de experiências um pouco mais diversas. A história de que “todo mundo se conhece” se torna uma prisão, já que numa cidade grande pouco importa a opinião do seu vizinho sobre você. Não é difícil encontrar amizades parecidas consigo em algum outro canto do grande centro urbano. Mas numa cidade pequena, sua vizinhança tem grande poder, já que não há muito para além dela. A fofoca toma conta da vida nas cidades pequenas.

A vida urbana, farta na diversidade, não existe sem um preço. Primeiramente, o caos urbano. Como a expansão da cidade geralmente não ocorre de maneira ordenada, há problemas graves de urbanismo que o governo local deve estar sempre se esforçando para consertar. Como é geralmente corrupto e incompetente, priorizando ainda alguns setores mais nobres da cidade em detrimento de outros mais populares, há regiões que são praticamente inóspitas para quem não cresceu ali e já está acostumado com seu infortúnio. Viver numa cidade grande não é sinônimo de qualidade de vida. A quantidade de tempo em transporte até o trabalho, o excesso populacional, a feiúra estética das ruas e

casas, são alguns dos fatores que vão se acrescentando e criando uma sensação de aprisionamento urbano. Em regiões mais centrais, o excesso de prédios e propagandas, a poluição visual, faz com que nos sintamos desconectados da natureza. Em alguns pontos pode ser muito difícil simplesmente contemplar o céu ou sentir uma leve brisa natural. O caos urbano culmina ainda com a sensação de insegurança. Como a desigualdade social é maior nas grandes cidades devido ao seu elevado custo de vida, as atividades criminosas são mais comuns. Andar na rua nunca é algo simples e sempre corremos o risco de morreremos de forma banal.

A vida no interior é mais tranquila. Como a população é menor e geralmente “conhecemos uns aos outros”, ser conhecido como um criminoso que coloca em risco o bem-estar da comunidade não é um estigma que as pessoas carregam facilmente. Um contato maior com a natureza e com locais pouco interferidos pelo ser humano se torna também possível no interior, sendo uma vida bem menos estressante. Porém, uma vida tranquila e segura no interior não acontece sem o custo de sacrificar a

possibilidade de uma intensa vida social, sexual e/ou cultural.

Enquanto, numa cidade grande, o sucesso pessoal pode estar associado a um carro importado, viagens ao exterior, um apartamento na zona nobre, o mesmo não parece prioridade para as pessoas que vivem em cidades pequenas. Não que elas estejam alheias aos luxos da vida moderna, à propaganda da televisão, do cinema e *internet*, mas são alcançadas de maneira diferente. Os costumes urbanos parecem quase uma vida estrangeira, quando no cotidiano do interior reina na verdade algo mais próximo do que as pessoas chamam de “pensamento provinciano”. As pessoas se contentam em horizontes menores, sendo o ritmo de vida muito mais simples do que aquele que nos sentimos exigidos a estar à altura nas grandes cidades.

Vemos assim que contentamento e satisfação não estão relacionados com as coisas em si que possuímos, mas com as nossas expectativas diante do mundo. Quanto mais desejamos, maior a possibilidade de nos sentirmos insatisfeitos, uma vez que a realidade não se desdobra facilmente para nos atender. Os budistas, querendo tornar a vida mais

simples e satisfatória, propuseram que abolíssemos o desejo, e passássemos a aceitar incondicionalmente todas as ocorrências da vida, positivas ou negativas, como dádivas naturais. Provavelmente os verdadeiros budistas de coração não são as melhores pessoas para se presentear no natal. Afinal, eles ficarão igualmente contentes se você lhes der um carro enquanto um outro amigo lhes der um par de meias.

Se os budistas estivessem corretos, poderíamos imaginar que as pessoas do interior são mais felizes que aquelas dos grandes centros urbanos, expostos ao mundo globalizado de desejo e consumo. O que não necessariamente é verdade. Há pessoas contentes e descontentes tanto nas cidades grandes quanto nas pequenas. A questão não é tão simples quanto crer que o desejo nos conduz ao infortúnio apenas por nos gerar expectativas que nem sempre poderão ser atendidas. Afinal, nossa felicidade advém também da realização daquilo que desejamos. Quanto mais desejamos, há também uma maior chance nos satisfazermos. Antes de execrarmos o desejo de nossas vidas por medo das frustrações,

devemos lembrar que o desejo é também via de acesso para nossas realizações.

Afinal, o que é o desejo? Freud (1856-1939) entendia que o desejo é uma tentativa de repetir uma satisfação passada. Por exemplo, o bebê que sente fome, e uma vez que a mãe já lhe tenha amamentado uma vez, deseja novamente o seio materno para aplacar o desconforto causado pelo apetite. O bebê chora, se agita, faz tudo para chamar a atenção da mãe e esta novamente lhe oferecer o alimento. Satisfação é entendida também como a solução de um desconforto. No caso do bebê, a fome.

Desejo é movimento. O desejo é o que nos faz movimentar pela vida, pois é quando nos sentimos desejanter de algo que corremos atrás, fazendo tudo que temos ao nosso alcance ou mesmo queremos romper limites para conseguir aquilo que idealizamos como fonte de satisfação. Partimos de uma insatisfação, um senso de inadequação com a realidade atual, para buscarmos algo que solucione nosso desconforto. A visão freudiana, no entanto, nos confronta com uma dimensão trágica. Se o desejo é desejo de repetição – como ao ter uma experiência incrível, eu quero fazer de tudo para ter

novamente uma experiência satisfatória como aquela, ainda que não do mesmo jeito – o que se segue geralmente é a decepção. A vida não é um ciclo de repetições, mas ela caminha em direção ao desconhecido. Quando tentamos nos reencontrar com algo que nos fez felizes no passado, logo descobrimos que por maior os esforços na tentativa de repetir a ocasião, ela repousa perdida como apenas uma memória.

Num período de menos de uma década, viajei para a cidade de Arraial do Cabo, no litoral do estado fluminense, por três vezes. Todas às vezes foram a passeio. Fui acompanhado respectivamente da minha família, ex-namorada e amigos. Não há muito que ser feito naquela cidade além de aproveitar as praias paradisíacas e o passeio de barco por suas belas águas. No entanto, por mais que minha estadia naquela cidade tenha sido muito parecida todas as vezes que a visitei, fazendo essencialmente a mesma coisa, nenhuma das vezes foi igual à outra quanto aos sentimentos despertados em mim. Não apenas devido ao fato que estava com companhias diferentes, mas porque eu mesmo estava em momentos diferentes da minha vida. A experiência

foi a cada vez única, ainda que o lugar fosse o mesmo.

No cotidiano, geralmente desempenhamos uma série de atividades entendidas por rotina. Mas o que temos por rotineiro não é mais do que uma ilusão. A expectativa que um dia será igual ao outro se trata de uma mera fantasia nossa. Se todo dia eu tivesse o hábito de tomar o mesmo chá numa determinada cafeteria, a ideia de que o chá seria sempre o mesmo é uma expectativa irreal. Algum dia o açúcar poderia estar excessivo, no outro faltando. A marca do chá poderia mudar ou mesmo a quantidade de ervas ter sido equivocadamente colocada. Parece óbvio pensar isso em relação a questões banais como tomar um chá, mas não consideramos isso em relação às pessoas com quem convivemos. Quando nos apaixonamos, queremos que o amor de nossa vida se perpetue igual com o passar dos anos. Mas a própria convivência faz com que uma relação mude com o tempo. As pessoas amadurecem, mudam de opiniões, descobrem novos desejos... Afinal, é o desejo que nos move, e não podemos pensar que ele é algo estático.

Temos uma tendência nostálgica. A felicidade é nostálgica. A percepção de que uma experiência será vivenciada unicamente já pode mudar nossa postura diante dela. Quando sabemos que é uma experiência única, tendemos a não conseguir aproveitar dela plenamente, e assim experimentamos uma estranha felicidade melancólica. Até podemos desfrutá-la, mas sua brevidade nos causa estranheza. Se, por outro lado, sabemos que aquela experiência pode se repetir no futuro, pouco nos preocupa se ela é efêmera.

Duas instâncias constroem um conflito inerente sobre nossas experiências: desejo e vida. Se o desejo é conservador na medida em que busca sempre recuperar uma sensação de felicidade já conhecida anteriormente, a vida é progressista. Não sabemos jamais o que vai acontecer amanhã. Como no ceticismo de Hume²: não temos certeza sequer se o Sol irá se erguer no dia seguinte. Mas não lidamos bem com um mundo de incertezas, então nos organizamos em rotinas para tentar conciliar os nossos desejos com a vida.

² David Hume (1711-1776)

Tendemos a imaginar que o novo pode ser algo destrutivo, e geralmente é mesmo. O que não necessariamente representa algo ruim. Por anos estive num relacionamento que julgava muito importante na minha vida. Quando terminou, senti grande tristeza, pois era como se o mundo tivesse desabado. O que se seguiu, no entanto, após algum tempo passado o trabalho de luto emocional, foi a descoberta de que existia muita vida para além do conhecido como felicidade. Pude descobrir novas facetas de mim mesmo, novas maneiras de me ver feliz e realizado. Se, no começo aquele término tinha sido traumático e doloroso, depois percebi que minha vida tornou-se melhor. Descobri e aprendi coisas que, se eu insistisse em repetir o lugar seguro e conhecido, jamais teria consciência.

Relacionamentos amorosos nos levam a pensar nas questões mais profundas acerca da existência. Se muitos tendem a imaginar as questões de amor como banais, o amor ocupa na verdade um lugar de centralidade no nosso mundo psíquico. Aprendemos a amar com a forma com que os nossos pais nos trataram quando ainda éramos crianças, e tendemos a buscar ou reproduzir as formas de amar que

aprendemos no passado em relações futuras. Às vezes para reafirmá-la, às vezes para recusá-las e fazer diferente. A tentativa infantil de chamar a atenção de um pai emocionalmente frio ou os excessos de uma mãe carinhosa não deixa de interferir nos problemas com nossos relacionamentos atuais. Como dizia Jung (1875-1961), aquilo que não superamos do nosso passado reencontramos como destino.

O leitor provavelmente já esteve diante de variadas situações em que precisou pensar no que desejava para a vida. Se um relacionamento sério deveria virar um noivado, qual faculdade deveria fazer depois da escola, se deveria mudar de cidade ou emprego em nome de uma oportunidade, e por aí vai. Estamos a todo o momento diante de escolhas que nos questionam sobre o que queremos da vida. Se num sábado à noite saímos para balada ou assistimos série *online*, se mandamos mensagem para aquela garota ou garoto, se ficamos mais uma hora nas redes sociais ou marcamos algo com os amigos. Nós estamos sempre fazendo escolhas, mesmo quando não nos pensamos escolhendo. Mas não admitimos porque

temos a estranha ideia de que escolha é o mesmo que livre-arbítrio.

Quando terminei o colégio, antes de iniciar a faculdade, fui aprovado na rigorosa seleção para uma prestigiosa escola militar. Como a segurança profissional e o retorno salarial eram muito mais promissores na vida militar, eu me matriculei naquela escola. Minha primeira semana naquela instituição foi tenebrosa. Era evidente que a vida militar não era para mim. Extremamente hierárquica, burocrática, conservadora, pouco aberta a reflexões e questionamentos. Obviamente numa instituição militar não cabe tais questões. Um soldado não deve pensar nas conseqüências éticas de se atirar num inimigo, ou ninguém iria para guerra. Cabe aos seus superiores, ou, ao menos, deveria. Quando optei por abandonar prematuramente aquela carreira, não parecia uma escolha para mim. Não era como se eu tivesse duas opções igualmente válidas, seguir ou não aquela carreira, e eu deveria simplesmente escolher de forma livre onde estava meu verdadeiro desejo. Meu desejo não estava ali, ora, e não havia o que realmente decidir. Ainda assim, não significa que eu não tenha feito uma escolha naquele momento.

Havia sim opções: buscar o meu desejo ou recusá-lo. Eu escolhi o meu desejo, ainda que antes disso o meu desejo já tivesse escolhido a mim.

Nós nos vemos implicados em certas questões, determinadas carreiras, *hobbies* ou objetivos de vida sem necessariamente optar por elas. Parecem antes que elas nos escolhem. Às vezes já caminhamos por elas sem nos darmos conta. Quando percebemos, apenas tornamos consciente o que por muito tempo havia sido realizado de maneira errática. Resta-nos, como escolha pessoal, dedicar-se a elas ou recusá-las. Afinal, não podemos crer que seguir um desejo é simples. No meu caso, tive que abrir mão de uma vida segura na vida militar para arriscar no mundo de incertezas das humanidades. Há quem tenha que abrir mão de um casamento de anos ou deixar de atender as expectativas sociais do que é respeitável. Não à toa, muitos sonham em não serem importunados por seu desejo. Mas não há como fugir dele, já que ele nos acompanha aonde nós formos. Em sua condição íntima, é uma demanda interna que nos habita, e que não nos deixará em paz – estejamos na cidade de São Paulo ou em Tóquio.

Ver-se desejante é desconfortável. Durante anos, um amigo tinha o hábito de manter relacionamentos extraconjugais. Não era algo que fazia por maldade, não era uma traição. Ele ainda amava seus parceiros, mas não eram suficientes para sexualmente satisfazê-lo. E assim ele falava dessa pulsão interna que o impelia e fazia desconfortavelmente flertar com estranhos contra sua vontade romântica: necessidade. Quando desejamos algo é como uma necessidade interna. Às vezes é algo moralmente reprovável para a sociedade, e nos vemos mal em nos vermos desejantes. Às vezes é apenas algo difícil de lidar, como uma necessidade sexual que não se cala. O sexo, aliás, é um ótimo exemplo. Não há quem diga “já fiz sexo, estou satisfeito, posso riscar da minha lista de coisas a serem feitas”. Por mais que tenhamos relações sexuais, ainda iremos querer ter mais relações. Ainda sentiremos necessidade ou desejo diante de uma determinada pessoa ou situação. Só não sentiremos mais necessidade quando não mais desejarmos aquela pessoa ou situação, e assim passamos a desejar outra.

Viaja pelo interior quando, num sábado à noite, parei numa pequena cidade muito menor que aquela em

que eu mesmo cresci. Meu objetivo era apenas passar a noite para retornar à estrada de manhã e seguir viagem. Com o cair da noite, e por se tratar de um sábado, logo me surgiu o desejo de me aventurar pela cidade. Queria descobrir se iria acontecer uma reunião numa praça ou algum *meeting* num bar local. Minha surpresa foi frustrante. As ruas ficaram desertas assim que escureceu. As pessoas do pequeno povoado entraram para suas casas, provavelmente para assistirem novela, enquanto os mais jovens se agrupavam em carros para irem a outra cidade quase 70 quilômetros distantes e curtirem alguma coisa naquela noite. Retornei para meu quarto empoeirado na pousada (devia fazer meses que não recebia um hóspede) e entediado esperei o sono chegar para quando acordasse seguir viagem. Minha percepção foi de que eu não estava preparado para aquela vida. A necessidade de fazer algo e poder gozar dos meus dias era maior do que o cansaço e a vontade de descansar. Na medida em que eu estava ambientalmente impossibilitado, a sensação de angústia e aprisionamento pesaram sobre mim. Uma questão relacionada com os hábitos de vida. Os habitantes daquela cidade já estavam

acostumados com aquela rotina e não sentiam a mesma necessidade que eu.

Atualmente são populares nas grandes cidades os relacionamentos mediados por aplicativos para celulares. As pessoas se conhecem através de longos catálogos virtuais, em que todos parecem disponíveis e interessantes. Certamente é algo diferente da época de nossos pais, em que a possibilidade de conhecer uma pessoa nova e interessante era muito menor, quando precisavam se deslocar até um determinado evento, num determinado dia e num muito determinado horário. Hoje, durante os horários vagos do trabalho podemos marcar um encontro para a noite. São muitas oportunidades. Na economia existe um conceito chamado *custo de oportunidade*. Significa que possuir uma oportunidade custa alguma coisa, ainda que não seja diretamente perceptível para nós. Se, por exemplo, algum amigo lhe convida para almoçar gratuitamente, ainda que você esteja economizando naquilo que você gastaria naquela refeição, você está doando parte do seu tempo que potencialmente seria utilizado para outra coisa. Se você faz uma hora extra de trabalho, você pode estar sacrificando uma hora de sono, ou uma

hora de companhia de seus amigos e familiares. E o contrário também vale. Ou seja, o fato de termos mais oportunidades que nossos pais não significa que somos necessariamente mais livres por isso.

O aumento das oportunidades também representa o aumento do custo de oportunidades, fazendo com que se torne cada vez mais difícil comprometermos nosso tempo e energia a algo sem nos sentirmos com remorso ou arrependidos por todas as outras coisas que perdemos com isso. Voltemos duzentos anos atrás e provavelmente não existia tal problema. Se você nasceu como um fazendeiro, você provavelmente não teria outras oportunidades na vida. Talvez você sequer tivesse consciência de que houvesse outras oportunidades. Se tornar um bom fazendeiro ocuparia sua vida, e você poderia se dedicar a tal carreira sem culpa. Mas se hoje podemos falar em propósito de vida, gerir seu lugar no mundo de forma empreendedora, apenas falamos porque é permitido pelas configurações da sociedade contemporânea.

Cada escolha de vida implica uma renúncia. Quando você sacrificar seus encontros amorosos para se dedicar mais a sua carreira, será bombardeado com a

abundante vida sexual de amigos e desconhecidos. Mas se você preferir sacrificar parte de sua carreira, poupando energia e tempo para sua família e amigos, será bombardeado pelo sucesso excepcional de algumas pessoas em seu entorno. Não é possível ter tudo. Precisamos aprender a perder algumas coisas, oportunidades e fantasias pessoais, para priorizarmos aquilo que realmente valorizamos e nos faz satisfeitos.

A sensação de disponibilidade cria a necessidade, tal como o adágio *a oferta cria a demanda*. O *marketing* está sempre nos oferecendo oportunidades novas e variadas de satisfação. Maneiras pela qual poderíamos alcançar a felicidade e nos sentirmos satisfeitos. O que revela que o nosso desejo é sempre social. Desejamos algo na medida em que outras pessoas ao nosso redor também desejam aquilo. Não apenas queremos ser belos, frequentar bons locais e ter experiências divertidas, mas queremos essas experiências com nossos amigos. E ainda: para mostrar para as pessoas que achamos importantes e que elas possam nos valorizar por isso. Em tempos de redes sociais, estamos sempre compartilhando nossas conquistas pessoais, nossas viagens, nossas

saídas noturnas com os amigos e nossas opiniões para que as pessoas ao redor admirem como nossa vida supostamente é incrível. Nas redes sociais há a função “curtir”, em que alguma pessoa demonstra que viu e aprovou nossa foto, vídeo ou comentário textual. Aparentemente banal, tal dinâmica esconde um interessante jogo existencial.

Imaginemos que você está sentado em sua casa, completamente sozinho. Ninguém sabe do que você está fazendo, pois ninguém lhe observa. Neste momento você é completamente indiferente para o mundo. Em sua solidão, não há uma única prova de sua existência para além dos seus próprios sentidos pessoais. Mas quando você interage com outras pessoas num meio social, você certamente sabe que existe. Porque você existe para um outro. Dizer *a* ou *b* faz com que as pessoas ao redor reajam de acordo com seu *a* ou *b*.

O outro desempenha uma grande função na construção de nossa identidade, que é de reconhecimento. Ninguém é plenamente algo porque se autointitulou aquilo. Por exemplo, alguém que diga “eu sou Napoleão” será tratado apenas como louco se não houver um outro que olhe para ele e

responda reconhecendo-o “você é realmente Napoleão e não só um louco qualquer”. Se eu digo que sou um escritor, somente sou quando outra pessoa me reconhece como escritor. É na medida em que escrevo e publico coisas de que as pessoas gostem que eu me sinto reconhecidamente um escritor.

O outro possui a função de espelhamento. Vemo-nos geralmente pelo olhar do outro. É como um espelho que precisamos usar para tentar descobrir quem realmente somos, porque os espelhos da realidade nunca são bons o suficiente. Há dias que nos olhamos neles e nos achamos magros demais, noutros gordos demais. Os dados perceptivos próprios nunca são acurados o suficiente. Mas a palavra do outro, o que ele fala de nós, nos cai como uma pedra. O que pode ser angustiante. Sartre (1905-1980) identificava o inferno com o olhar do outro porque, ao nos definir, ele também nos aprisiona numa identidade. Retira-nos do nosso não-ser, puro devir, e nos transforma em coisa. Mas apenas como coisas que temos a sensação de existir. É quando nos definimos, e com isso nos limitamos, que passamos a existir sócio-simbolicamente no mundo. Quando

somos filósofos, arquitetos, biólogos, pais, filhos, namorados, amigos, cristãos, muçulmanos, ateus, e por aí vai, para os outros.

A função “curtir” lida exatamente com o tipo de reconhecimento que esperamos do outro. A aprovação que todos esperam alcançar. Muitos dizem que isso é mera carência, e que devemos aprender a nos bastar por nós mesmos. Mas dizem isto a um outro, justamente esperando deste outro a aprovação por sua tão esperta crítica.

Nenhum homem é uma ilha em si mesmo. Precisamos das outras pessoas não apenas para nos medirmos em nossa identidade, como para as coisas mais essenciais. Afinal, nenhum de nós planta, colhe e cozinha toda sua comida. Ninguém teceu suas próprias roupas. Ninguém construiu sozinho todos seus *gadgets* tecnológicos. Quando falta luz por algum problema no fornecimento nada podemos fazer para consertar além de esperar os técnicos da empresa reestabelecerem o serviço. Somos incompletos, pois a todos nos falta algo, necessitando do outro. Na verdade, é porque somos incompletos, a todos falta algo, que há sociedade. Pois se fossemos completos, cada um estava sem seu canto, sendo completo

sozinho. Mas como sempre nos falta algo que nos juntamos e fazemos sociedade. As habilidades que me faltam posso contar com o outro, como também ofereço algo de mim para o outro.

A felicidade só pode ser um fenômeno social. O grande empecilho para a felicidade se dá quando insistimos em tratá-la como individual. Perguntamos sempre "o que eu preciso para ser feliz?", e enumeramos: casa, trabalho, carro, viagem... E depois que você conquista essas coisas descobre que não há reais motivos para ser feliz. Porque a pergunta "o que eu preciso para ser feliz?" é falsa. Condicionar a felicidade a objetivos específicos é receita para frustração. Não faltam exemplos de celebridades que perseguiram fama e riqueza, e na medida em que alcançaram aquilo que desejavam, se viram aprisionadas numa vida ausente de sentido.

Temos tendência a imaginar que sucesso seja sinônimo de fama e riqueza porque as pessoas famosas e ricas são as mais próximas que temos dos deuses na nossa sociedade. O famoso é alguém que se destaca muito em alguma coisa, por mais estúpida que tal coisa seja. O rico, por sua vez, tem dinheiro, o objeto mais cobiçado da nossa sociedade e que

serve como meio de troca quase universal. O mesmo fazemos também com músicos, atores, esportistas, comunicadores. A legião de fãs e admiradores que possuem oferece a ilusão de serem, afinal, pessoas realmente importantes. Mas ao tomarmos conhecimento de sua vida mais íntima, seja por contato pessoal ou através de uma biografia, percebemos que eles são pessoas iguais a nós. Com os mesmos problemas, impasses, dúvidas e questões. Toda fama e riqueza não os aliviam de passarem pelas mesmas angústias existências comuns a qualquer humano. E se nós podemos nos esconder atrás da ideia de que aquilo que nos falta para a felicidade é fama e riqueza, as celebridades que as possuem não tem como se esconderem diante da verdade. Os destinos trágicos com uso de drogas e variadas adicções são uma tentativa de fuga para a insuportável verdade que se tornou suas vidas.

A verdadeira pergunta para felicidade não é o que eu preciso, mas o que eu posso fazer pelo mundo. Mesmo considerando que o mundo seja grande demais, e que talvez nosso mundo consista apenas de uma determinada comunidade de pessoas próximas às quais somos ligados. Sentimo-nos bem na medida

em que somos reconhecidos pelo outro. As pessoas que se sentem mais felizes em suas carreiras são aquelas cuja função é devidamente reconhecida e valorizada pelo outro. E aquelas cujo trabalho as desconectam da comunidade ao seu redor não raro buscam realizar trabalhos sociais, como voluntariado. Na medida em que se veem contribuindo com a felicidade de outras pessoas, sentem-se igualmente felizes.

Porém, o reconhecimento do outro é sempre parcial. Por mais que alguém diga quem sou, sempre reside um resto desta operação não assimilável. Por mais que eu seja pai ou mãe, filho ou esposo, matemático ou historiador, nos resta uma sensação de que não somos apenas aquilo. Que o outro nos vê apenas parcialmente. Afinal, em meu íntimo sinto-me como puro devir. O outro que me nomeia e coisifica, mas em meu íntimo sou livre de características. Toda tentativa de nomeação é parcial, já que algo do que sou não pode ser inteiramente nomeado. Ainda que sejamos algo, nunca somos completamente aquilo.

Quando estava na faculdade de psicologia, sentia que apesar de gostar muito da carreira, não me via apenas como psicólogo. Quando me tornei psicanalista,

percebi que ainda não era suficiente para me descrever. Meu interesse pela filosofia era tão grande quanto pela psicanálise. E todas as minhas poesias me faziam poeta? Minhas aulas me faziam professor? Escritor eu fui pelo maior tempo de minha vida, de contos a artigos científicos. O meu “primeiro livro” escrevi aos sete anos, e não era mais que uma coletânea de pequenas histórias inventadas a partir de animações que eu assistia na televisão. Mas nada disso me descreve completamente, ainda que eu saiba que sejam por tais coisas que as pessoas vão me conhecer. Através delas eu existo para o outro e para o mundo. Ainda assim, há algo de um não-ser que me habita, e que nunca totalmente será.

É o que aprendi a chamar depois de um tempo estudando o taoísmo de existência negativa. É algo que certamente há, mas não como um fenômeno positivo no mundo. Há mesmo como negatividade. Isto é, trata-se de uma ausência que se faz presente. Nós precisamos de palavras para existir positivamente e materialmente no mundo³. É através

³ Não podemos confundir materialmente com fisicamente. Palavras são materiais, embora não físicas como nossa carne e ossos.

de meu nome Igor Teo que sou positivamente conhecido e passo a ter existência. São através de minhas características físicas representadas simbolicamente como branco, alto, magro, que também existo materialmente. Mas nenhuma dessas palavras representa o devir de minha existência, que jamais caberão em algumas palavras. Trata-se de um puro não-ser. Pois se existisse, simplesmente seria.

Que o não-ser não seja confundido com os termos da antiga filosofia, como alma e espírito. A não-existência nada tem a ver com isso, pois são coisas que se pretendem existentes. Não-ser é o devir que condiciona a existência. Há o não-ser porque há um centro real e não representável que orienta a existência de coisas positivas no mundo. Como o olho do furacão, que nele não há nada, mas tudo orbita em volta desse vazio. É o Vazio irrepresentável que precede e governa a Forma. A ausência que antecede e determina a presença.

Os céticos podem me pedir evidências do não-ser, mas dar-lhes isso seria contra-senso, já que não existe o que não é. E como saber que há o que não existe? Não diretamente, mas podemos através dos seus efeitos. Sabemos que há um não-ser porque há um

ser que deriva disto, e que não é totalmente o que se é. Não confundamos isto como uma metafísica, pois não se trata de uma realidade outra, superior ou anterior. Não há outra realidade senão esta, mas há um silêncio. Hegel se referia como a noite negra da alma.

Nossa natureza inapreensível nos condena a sermos para sempre solitários. Trata-se de uma solidão que vai para além das nossas tentativas de comunicação, cada vez mais presentificadas nos aplicativos de mensagem instantânea. Se, alguns séculos anteriores, para contatar um amigo poderiam levar semanas para nossa carta chegar ou meses para nossa visita ser possível, a modernidade nos trouxe uma necessidade absoluta e instantânea de presentificação. Como a oferta cria a demanda, algumas horas de atraso da resposta de uma mensagem no celular já costuma ser interpretada como o descaso, e não o fato de que nosso amigo pode estar ocupado com algo mais importante naquele momento, o que não invalida nossa importância. Os avanços nos meios de transporte fizeram as distâncias parecerem menores. E se eu preciso falar com um amigo, hoje sequer espero para me encontrar com ele. Tenho a ilusão de

sua acessibilidade na palma de minha mão, basta eu escrevê-lo pelo celular para virtualmente ele estar presente para mim.

Quando as redes sociais ainda começavam em sua popularidade, tínhamos o hábito de dizer "já volto" quando estávamos *online*, mas tínhamos que fazer alguma coisa em outro lugar por um curto período. Não é curioso que esse tipo de fala sumiu de nossas conversas atualmente? Naquela época, a *internet* era um ambiente que ocupávamos, como quando sentávamos na frente da televisão ou visitávamos um amigo. Nós "estávamos" ali, podíamos nos ausentar e retornar. Hoje a *internet* faz parte da nossa vida cotidiana 24 horas por dia. Estamos sempre *online* e acessíveis através de mensagens instantâneas. Em qualquer momento livre vemos as atualizações das redes sociais, e qualquer dúvida sobre algum assunto buscamos a solução na *internet*. Podemos dizer que a *internet* deixou de ser mais um ambiente, para se tornar um com o nosso ambiente de vida.

Mas toda essa conectividade não nos faz sentir existencialmente menos sozinhos. Pelo contrário, ela desmascara um mais profundo tipo de solidão, que vai para além das palavras que são trocadas. Pois por

mais que tentemos ser compreendidos pelo outro, restará sempre um mal entendido. Afinal, isto é o que há de mais humano. A diferença da linguagem do ser humano para a comunicação dos animais é que na linguagem existe mal entendido, enquanto na comunicação não. Os sinais de uma abelha são inequívocos para sua colmeia, assim como os traços deixados de uma formiga para outra no caminho em direção ao alimento. Mas, como humanos, estamos sempre duvidando das palavras do outros. Quando alguém diz que nos ama, nos questionamos se a pessoa realmente quis dizer que nos ama ou está apenas nos enganando. Pois é possível que haja mentira. Mas mais importante que haver mentiras, nós somos capazes de supor que há a mentira. Somos capazes de imaginar que o dito na linguagem não é literalmente o que está representado nela. Na minha família, sempre que alguém dizia “feche a porta”, nós perguntávamos: “você quer que eu tranque a porta ou apenas a encoste?”. Assumimos que o comando de fechar a porta não é inequívoco. Mas se uma máquina se comunicasse com outra, tal comando certamente teria uma resposta simples como códigos binários.

O fato de existir polissemia na linguagem faz com que as palavras que usamos não possuam o mesmo sentido para todos. Quando estamos num relacionamento, frequentemente nos vemos presos em discussões porque o parceiro não entendeu nossa intenção com algo que dissemos. Há uma babel, uma confusão de línguas, em que a forma como percebemos e entendemos o mundo é sempre inteiramente nossa. Ainda que encontremos pessoas afins a nossa percepção de mundo, em algo as nossas visões serão destoantes porque não somos totalmente iguais. Nos relacionamentos, gastamos muito tempo tentando explicar ao outro o que as palavras que usamos realmente querem dizer. Uma forma de tentar diminuir o abismo que inerentemente há entre duas pessoas.

Mais do que um abismo, a linguagem funciona como um muro. Do outro lado do muro há um outro sujeito, assim como eu sou. Um não-ser em puro devir, mas que só o conheço através da linguagem que o coisifica. Ele deseja ser reconhecido por mim como um outro sujeito, mas só posso conhecê-lo através de palavras. Ele me chega como coisa. A mesma dialética dá-se para mim, como já explicitiei

anteriormente neste ensaio. Cada um de nossos não-ser se encontram solitários em seu respectivo lado do muro, e ainda que possamos eventualmente nos encontrar algumas vezes em consonância, o devir restará não assimilável. Não há o encontro absoluto, pois só podemos nos conhecer abrindo mão de parte de nosso devir, para como coisas sermos um para o outro.

O outro existe apenas como um objeto para mim, e não como um outro sujeito. Assim como sirvo de objeto para seu mundo subjetivo. Dizer que somos objetos para o outro não é o mesmo que no senso-comum entendemos por objetificação. O que dizemos por objetificar o outro geralmente se refere a tratar como abjeto, algo usável e descartável. Mas não é assim que realmente lidamos com os objetos do nosso mundo. Nós nos apaixonamos por nossos objetos. Os livros de minha estante são todos objetos, mas cuido muito bem deles. Não deixo ficarem amassados, manchados ou empoeirados. Se alguém fizer mal a eles, ficarei muito irritado e farei de tudo para defendê-los, tal como faria por uma pessoa amada. Objeto não necessariamente é abjeto.

A impossibilidade de sermos totalmente compreendidos e a dimensão puramente objetual que o outro nos compreende, e vemos no outro, faz nos sentir como o único sujeito do mundo. Afinal, apenas eu consigo me reconhecer enquanto devir. Para o outro sou apenas objeto, assim como o outro nunca é sujeito, mas apenas objeto para mim. De fato há outros sujeitos, mas eles estão do outro lado do muro de sua própria subjetividade. Tal compreensão levou Jacques Lacan (1901-1981) a formular a famosa frase “a relação sexual não existe”. Lacan não quis dizer que não existem relações sexuais, afinal elas acontecem a toda hora. O que Lacan realmente disse foi que não existe o encontro perfeito, a completude do amor, o encontro ideal em que duas metade se unem e fazem Um inteiro.

No amor idealizamos encontrar a solução para nossa solidão existencial. Nosso devir existencial, vivido como falta a ser encontrada, se torna a busca por um parceiro perfeito que chegará e completará aquilo que falta em mim, salvando-me da solidão, pois supostamente ele poderá me compreender e fazer feliz. Não preciso insistir muito em como tal fantasia extremamente exigente tende ao fracasso. Como a

relação sexual não existe, o outro é sempre um outro. Ele não existe para atender as minhas necessidades, nem eu estou neste mundo para satisfazê-lo. Cada um tem seus próprios desejos e é um verdadeiro milagre que durante algum tempo tais desejos possam convergir na construção de algo comum.

Precisamos diferenciar a esta altura paixão de amor. A paixão é a projeção dos ideais do amor. Quando estou apaixonado, eu projeto numa outra pessoa aquilo que me falta. O outro assume assim características ideais, sendo muito belo, inteligente ou interessante. Imagine a clássica cena cinematográfica: você encontra alguém cuja paixão se dá a primeira vista. Pode ser alguém do convívio da faculdade ou do trabalho, ou alguém que apenas cruzou na rua e trocou olhares. Pode ser que você até conheça a outra pessoa, saiba seu nome e que locais ela frequenta, mas não consiga ter um contato mais próximo, talvez por timidez ou ausência de oportunidade. Fato é que a outra pessoa é percebida como exatamente aquilo que falta na sua vida para você ser feliz. A outra pessoa é o máximo, o jeito como ela se move e se veste, o que ela fala e pensa,

tudo é incrível. Mas não são apenas as qualidades que atraem, pois mesmo os defeitos parecem ser coisas admiráveis, e ao invés de realmente incomodar, fazem o outro ser ainda mais desejado. Tudo que você espera enquanto apaixonado é estar junto dessa pessoa incrível.

A paixão parte de uma premissa correta: somos incompletos. A todos nós falta algo que não sabemos exatamente o quê. Sabemos apenas que nunca estamos inteiramente satisfeitos com a vida. O que é algo interessante. A falta é o motor do desejo, nos impelindo a continuar vivendo. Enquanto há falta, há desejo por buscar algo mais, nos movendo pela própria vida. O problema se torna quando a falta se torna reificada, paralisante, congelando-nos na posição de que somos infelizes apenas porque algo nos falta; ou, por outro lado, quando a falta se torna algo aterrorizante, e para não termos que nos a ver com ela, fazemos de tudo para escamoteá-la, escondê-la, se precipitando em comportamentos obsessivos para controlar tudo que é contingente. Quanto à paixão, ainda que partindo de uma premissa correta, chega a uma conclusão precipitada: o outro tem isso que me falta, e ele pode

me dar ou conceder. Há muitos casais que embarcam nessa fantasia e que podem funcionar relativamente bem até certo ponto. Mas em algum momento, a falha aparece. Porque o outro será sempre o outro. Ele tem seus próprios desejos, suas aspirações, suas razões. Ele não existe para satisfazer minhas necessidades, mas ele próprio tem necessidades a serem contempladas, onde, ainda que eu possa estar entre elas, jamais se resumirão apenas a mim. Neste sentido, delegar ao outro o papel de lhe fazer alguém completo e feliz pode ser bastante arriscado.

Através de nossas fantasias amorosas, colonizamos o outro. Obtemos algumas pistas da sua identidade a partir de seu semblante, seu modo de ser, seu estilo, aquilo que ele diz pensar, o que provoca o nosso desejo. O resto ocupamos com nossas projeções, aquilo com que desejamos nos encontrar. Tal é o mecanismo da paixão. Não nos apaixonamos pelo outro por suas características reais. Poucas vezes temos tempo suficiente para conhecê-las inteiramente antes de já nos sentirmos apaixonados. Apaixonamo-nos por aquilo que projetamos no outro a partir de seu semblante. É o cara que tem pose de mau, e isto reflete a nossa própria

necessidade de fazer “algo errado” e sair dos padrões sexuais. É a garota que tem cara de perigosa, e isto reflete nossa própria necessidade de viver alguma aventura romântica sem promessas. É o homem complicado ou a mulher problemática que reflete a nossa própria necessidade de ser herói e solucionar a vida dos outros. É o cara estiloso e bem-sucedido que reflete nossa própria necessidade de ascensão. É a garota que tem amigos legais e vive uma vida intensa que reflete o nosso descontentamento com o estado atual da nossa vida. O outro da paixão é a projeção da salvação que desejamos para nós mesmos. É um salvador não num sentido de um bem, mas no sentido de ser um álibi para nosso desejo.

A paixão é um efeito de semblante. Não nos apaixonamos por qualquer um, mas o outro da paixão deve guardar algumas características que ativem nossa fantasia. O outro deve ser suficientemente aquilo que fantasiamos, e não desmentir muito como o colonizamos. Algo que com o passar do tempo está fadado ao fracasso. Um dia acordamos e vemos que a paixão acabou. Por que o outro mudou? Talvez. O mais provável é que nós

mesmos tenhamos mudado. Aquilo que nos movia quando nos apaixonamos não é mais tão presente nas nossas vidas, e assim ansiamos por outras coisas. O amor é o que pode ficar quando uma paixão termina. Diferente da paixão, motivada pelas características ideais, o amor é sempre um amor pela falta. Amamos o outro não porque ele é alguém incrível e admirável, mas porque o reconhecemos falho e precário, assim como nós mesmos somos. Só podemos amar o outro quando aceitamos suas falhas, porque o amor é mesmo um amor pelas falhas.

Uma vez que a todos nós falta algo, há a ilusão fomentada pelas dicas de “azaração” que devemos ser pessoas muito fantásticas para atrair a atenção do outro. Sermos belos, bem arrojados, inteligentes ou ricos. Ou seja, termos características imponentes. Isto pode ajudar para uma noite de sexo motivada pelo fogo da paixão, mas conviver com uma pessoa assim é insuportável. Só temos a sensação de estarmos com uma pessoa real quando conhecemos sua fragilidade. Muitas pessoas possuem dificuldades em demonstrar suas fragilidades num relacionamento porque temem que, se revelarem verdadeiramente

sua personalidade e desejos, correm o risco de perder o parceiro. Acredito ser uma posição bem perigosa. Primeiramente, por estar sustentando um relacionamento com base numa mentira. Se a pessoa que está consigo não lhe amaria pelo que você verdadeiramente é, por que estar com tal pessoa? E mais importante do que isso, só podemos nos sentir verdadeiramente amados pelo outro quando somos acolhidos em nossas fragilidades. No amor, tudo o que podemos oferecer é nossa falta, nossa própria carência e fragilidade.

No fundo, todos nós nos sentimos desamparados. A criança nasce completamente desamparada e necessita dos cuidados maternos para sobreviver. Quando crescemos, continuamos esperando do outro a salvação para o nosso desamparo, para os nossos medos, angústias, incertezas e todas as questões que nos assaltam enquanto estamos vivos. No amor, esperamos ser acolhidos em nosso desamparo. Mas ainda que sejamos acolhidos e amados por esposos, amigos e família, devemos lembrar que o mundo é muito maior do que nós. Somos frágeis diante das contingências da vida, a possibilidade de doenças, acidentes ou tragédias.

Queremos nos sentir seguros e protegidos, seja dentro de casa, com nossos amigos e familiares ou em nosso emprego, mas nada disso, por mais que nos acolha, pode oferecer total segurança. Estamos sempre desamparados em alguma medida. Não há segurança ou certeza absoluta que tudo ficará bem, tal como uma mãe ou um pai que confortavelmente abraça seu filho nos seus braços. Mas não há como desejar de forma segura, pois a própria ilusão de segurança nos desconvida a querer nos mexer. A chamada *zona de conforto* reflete a nossa tentativa de manter o mundo estático. O que se revela uma ilusão, pois não temos o poder de controlar como o mundo gira ou o que as outras pessoas desejam. Para desejar é preciso se reconhecer desamparado, apostando nos riscos que o desejo aponta.

Por trás da máscara de uma sociedade liberal onde tudo é supostamente permitido, vivemos sob a injunção de que, mais do que nunca, devemos ser felizes. Somos encorajados a desejar. Afinal, nossos avôs passaram por restrições, crises, proibições... O que nos impede de nos satisfazermos quando o sexo é livre e os tabus já não são mais como antigamente? A cultura, não mais proibitiva, aliada ao *marketing* e a

propaganda nos outorga uma nova ordem: goze! Filmes, séries, comida, sexo, relacionamentos, festas, jogos, a indústria do lazer e entretenimentos que está sempre em ascensão, e tudo mais que se oferece como gozo não se mostram suficientes para alterar os índices de depressão, que sobem cada vez mais. A sociedade que se sofisticou nos prazeres é também aquela que mais sofre das infelicidades.

Depois de tanto falar da importância do desejo é preciso alertar do engano básico que há ao confundirmos satisfação com realização. Visando o sucesso, estamos acostumados a pensar que seremos bem-sucedidos quando tivermos uma casa de frente para a praia, um cargo de grande poder numa companhia, uma esposa que seja uma modelo famosa, dentre outros artigos de luxo. O mandato social de gozar exige cada vez mais, e na medida em que tentamos atendê-lo, parece que mais nos falta. Assim, através do consumo, somos incentivados a querer gozar cada vez mais. Neste ciclo sem fim, a felicidade se perde na tentativa desesperada de encontrar alguma satisfação plena e verdadeira, da qual nenhum artigo de luxo, nenhum novo *smartphone* ou carro sedã, é capaz de fornecer.

Para elucidar tal questão temos que retornar a ontologia do desejo. Se o desejo busca uma satisfação, sendo movido por uma falta, ele tende a conservar esta falta que o engendra. É a mesma situação de quando você entra numa loja porque viu uma roupa na vitrine que parece muito bacana e que certamente cairá muito bem em você. Uma vez que a compra e possui, percebe que ela não é tudo o que você realmente queria. Em algum lugar deve existir uma roupa melhor ainda, e que melhor se encaixa com o seu estilo.

Lembremos que Freud dizia que o desejo é a satisfação de uma necessidade causada por um desconforto presente. Por exemplo, o bebê que chora de fome. O bebê possui na memória a representação de sua satisfação, o seio materno. Ele fantasia em obter o seio e se sentirá satisfeito quando o possuir. Entretanto, tão logo a experiência de satisfação termine, ele guardará a memória do objeto, mas não guardará a satisfação que lhe foi proporcionada. Esta termina com a experiência. Como estar com uma pessoa que você ama muito, é muito bom enquanto a experiência dura, mas assim que vocês tiverem se separado, porque vocês não

vivem absolutamente colados um ao outro, restará a saudade como um desejo de repetição. Por vezes a repetição de algumas experiências é possível, outras não. Resta aceitar a perda e buscar outras experiências, que serão diferentes, mas ainda assim possivelmente satisfatórias.

Quando illustrei o desejo com a compra de uma roupa, a satisfação de possuir uma roupa nova é perdida tão logo aquela roupa se torne comum. Não guardamos a satisfação como uma memória, mas devemos buscá-la novamente com uma nova experiência. A propaganda compreende isto tão bem que nos incentiva ao consumismo como forma de responder ao nosso desejo de felicidade. O consumismo, porém, trata-se de um aprisionamento do desejo, e não sua manifestação. Porque o desejo, em realidade, é para sempre insatisfeito. Ele não cede a ilusões do consumo. O grande ato revolucionário hoje é recusar a crença de que deveríamos gozar e ser tão felizes como a propaganda nos faz crer que deveríamos.

Se condicionamos o sucesso e a realização de nossa vida a satisfazer nossos desejos, alcançar nossos objetivos, descobriremos, na melhor das hipóteses,

se tratar de uma tarefa impossível. O desejo é irrealizável, pois (a) conservando uma falta inerente ao não armazenar a satisfação, nos propulsiona a sempre querer algo novo para nos satisfazer novamente e (b) sua completa realização implicaria, por sua vez, em cessar o mundo da demanda. Em outros termos, um desejo só se realiza com sua morte. A nossa própria morte.

Por tal razão que o único ato bem sucedido é o suicídio. É o único ato que não deixa uma falta, algo mais a se falar ou fazer depois. Qualquer outra atividade que nos prestemos a realizar sempre será incompleta. Quanto mais eu escrevo, mas eu percebo que ainda não falei tudo, e assim me vejo criando novas histórias, publicando novos artigos e lançando novos livros. Quanto mais um músico se dedica a compor, novos arranjos parecem possíveis. Quanto mais um cientista busca compreender a realidade, percebe que o universo é maior do que imaginava, e novos horizontes surgem para ser pesquisados. A vida é aberta. Ou seja, ela é para sempre incompleta. Nunca faremos tudo que há para ser feito ou diremos tudo que pode ser dito. Se esperamos a completude e o senso de dever cumprido, estamos

falando de morrer, e não viver. Porque viver é sempre estar aberto a uma demanda, a sensação de que algo ainda deve ser feito. Se nada mais tivesse que ser feito, já estaríamos mortos em vida. O filósofo Slavoj Žižek conta que a escrita lhe salvou do suicídio. Ao sofrer de uma grande depressão, disse que se mataria assim que terminasse de escrever seu livro. Quando terminou, percebeu que tinha algo mais a falar, e começou um outro livro. E assim tem seguido por décadas, publicado um livro depois do outro, postergando a morte até que esta inevitavelmente lhe alcance.

De algum modo, esperamos que a vida viesse com manual. Principalmente em tempos enciclopédicos, nos quais quase todo tipo de informação é possível de ser encontrada pesquisando na *internet*. Com a multiplicação de especialidades, temos cultivado um forte culto ao saber. Esperamos assim um saber final que antecederesse a própria vida e nos desse o caminho prático e seguro para realizá-la. Mas como a vida é incompleta e sempre a se construir, falta esse saber que pudesse dar conta do que está ainda por vir. Para muitos tal constatação é paralisante. Já ouvi inúmeras queixas de pacientes da minha clínica

psicanalítica que dizem: “eu queria muito realizar isso, mas não sei como fazer, fico esperando encontrar uma resposta e assim não faço”. Em nossos ideais de perfeição, buscamos estar sempre corretos. Temos a tendência a abominar o erro, e achamos que se fizermos algo errado ou estranho, as outras pessoas não irão gostar de nós. Temos a fantasia de que, para ser admirados e devidamente reconhecidos pelo outro, precisamos demonstrar grande perícia e segurança. Deste modo, queremos excluir o erro das nossas vidas. Como? Buscando no saber uma forma segura de viver. Uma forma segura de viver sem erros, seja no amor, nos empreendimentos, ou aonde for.

O problema é que não há vida sem erro. Possuir uma vida extremamente regrada e controlada, incapaz de aceitar erros, impede que as contingências da vida nos levem a lugares desconhecidos e possam trazer também surpresas agradáveis. Minha primeira namorada eu conheci porque havia esquecido de checar meu *e-mail* antes de sair de casa. Quando cheguei ao compromisso que havia naquele horário, descobri que tinha sido desmarcado. Revoltado, retornaria para casa quando me deparei com uma

palestra num auditório logo ali perto. Como estava com tempo livre, resolvi arriscar para descobrir do que se tratava. Dentro daquele auditório conheci aquela que veio a ser minha namorada. Tudo porque cometi o lapso terrivelmente inocente de não checar o *e-mail* confirmando meu compromisso antes de sair de casa.

Uma amiga conheceu também um namorado porque se distraiu e, atrasada, acabou perdendo o ônibus. No veículo do horário seguinte, estava seu futuro relacionamento. O leitor mesmo, com pouco esforço, poderá se lembrar de vezes que inadvertidamente cometeu enganos, erros e lapsos, mas foram estes que abriram novas portas em suas vidas. Se soubéssemos tudo que aconteceria previamente, será que escolheríamos tomar aquele caminho ou tremeríamos em nossas pernas diante do medo de falhar? Quando usamos o saber, verdadeiramente útil para a ciência e a sociedade prosperarem, para controlar obsessivamente nossa vida, ficamos paralisados. Para viver bem é necessária certa dose de não-saber, o que é diferente de ignorância. É preciso apostar nos caminhos. Em outras palavras, é preciso fazer sem saber, pois se já

soubéssemos antes não haveria o que ser feito. Quem espera um saber antes de fazer, nunca fará, pois só descobrimos realmente sobre as coisas quando as fazemos. Enganos são apenas partes da solução.

Superestimamos a razão. Sem dúvida, a racionalidade é uma das melhores formas para resolvermos nossos problemas. A filosofia se desenvolveu por séculos através do exercício racional. Entretanto, nos enganamos se acreditamos que podemos ser puramente racionais. Nossos comportamentos, pensamentos e atitudes perante a vida e os outros são motivados antes por nossas emoções. E as emoções, como o próprio nome indica (em movimento), são os repertórios do organismo para nos adaptarmos às condições de sobrevivência. Nossos antepassados distantes, quando se viam em situações de risco, entravam em estados emocionais de medo ou ansiedade para que o organismo estivesse preparado para a possibilidade de um confronto ou a necessidade de fugir diante do perigo. Uma vez que a sociedade se tornou mais sofisticada, não nos encontramos em situações de perigo diante de feras selvagens tais como nossos antepassados

coletores-caçadores. Nosso organismo, no entanto, evolutivamente ainda é o mesmo. A vida moderna, se por um lado parece mais segura e confortável que alguns milênios atrás, por outro nos exige excessivamente em determinados âmbitos. Não precisamos apenas sobreviver, mas alcançar certos ideais que substituem em importância a própria sobrevivência. Para muitas pessoas, não conseguir alcançar os ideais sociais de beleza, riqueza e sucesso profissional seria o mesmo que não viver. Ou viver de maneira miserável.

Para o homem moderno não basta sobreviver, é necessário existir sob certas condições simbólicas. Ser reconhecido, amado, compartilhar sentido com sua comunidade. Pensamos puramente na sobrevivência apenas em momentos de crise, quando somos forçados a retornar àquilo que é mais básico e essencial da vida. Isto sempre ficou marcado para mim pelo fato do meu avô ser imigrante e ter saído da Galícia, na Espanha, quando ela enfrentava uma grande situação de pobreza durante o governo Franco. Seu discurso apontava geralmente para o supérfluo que vivemos hoje em tempos de certa tranquilidade e sofisticação. Obviamente é

importante possuímos celulares e computadores, mas nada disso é imprescindível para nossa sobrevivência. Alimentação e moradia segura sim. Não pensamos o quanto é uma atividade complexa garantir que haja alimento no dia seguinte, simplesmente vamos ao supermercado gastar nosso salário com as compras do mês. Ficar sem celular, por sua vez, pode nos tornar incomunicáveis com as pessoas ao nosso redor, já que todos utilizam tal meio. Na vida moderna, possuir um celular para trabalhar ou ter uma vida social se torna uma necessidade fundamental. Mas apenas porque estamos numa sociedade sofisticada, e não por critérios puramente de sobrevivência.

No empuxo dessa sofisticação, nossa realização não se manifesta em apenas viver o dia seguinte, mas realizar certas coisas que tem a ver com o nosso desejo. E o desejo é sempre singular. Os ideais para uma pessoa não serão iguais para os outros. Como cresci no Brasil, estou acostumado a todo ano durante o período de carnaval ver meus amigos procurando por blocos para festejarem o mais importante feriado nacional. Como nunca apreciei tal diversão, sentindo-me desconfortável em meio à

multidão, rodeado de excessivos estímulos visuais e sonoros, aproveito a mesma ocasião para retirar-me na tranquilidade de meu quarto e trabalhar na minha escrita. Certamente porque a escrita motiva mais o meu desejo que a outras pessoas.

Sempre valorizei também a possibilidade de viajar. Conhecer novos locais, explorar ambientes e culturas diferentes. Mas um desejo igual não encontrei em todos meus amigos. Alguns viveram toda a vida na mesma cidade, tendo poucas vezes ido alguns quilômetros mais longe. Eles não sentem a mesma necessidade interna que eu possuo. De maneira análoga, muitos de seus desejos são completamente indiferentes para mim e eu não dedicaria muito do meu tempo a realizá-los. A singularidade de nossos desejos é o que nos fazem diferentes. A grande pergunta da vida não é propriamente quem somos, mas o que desejamos. Tal é a pulsão interna que nos movimenta, mas também faz com que nos sintamos angustiados quando algo impossibilita o reconhecimento do nosso desejo. Uma das grandes angústias depois que passei a morar sozinho foram as horas solitárias e tediosas dentro de casa no final de semana. Quando não havia nada na rua para

realizar, só me restando estar dentro de quatro paredes esperando as horas passarem. Não que faltasse o que fazer dentro de casa, mas nenhuma tarefa substituía a ideia de que eu estava trancado dentro de um apartamento quando provavelmente toda a vida estava acontecendo lá fora. Eu só não havia sido convidado para ela.

A angústia é um sentimento verdadeiro. Trata-se do inerente mal-estar de viver. Não importa o que façamos, as coisas nunca se encaixam perfeitamente. No final de semana que já temos algo marcado, todos nossos amigos nos chamam para fazer alguma coisa. Quando estamos dispostos e querendo sair de casa, todos estão ocupados com seus próprios afazeres. Nem sempre dá para encaixar perfeitamente nossos desejos com o ritmo dos acontecimentos externos. Seja porque o outro não pensa e deseja como eu, ou porque as coisas demoram mais tempo do que minhas expectativas exigem para acontecerem, ou porque existem certos limites que a vida nos força a aceitarmos. Confrontamo-nos com certas impossibilidades ao desejo que são excruciantes.

Nosso desejo nos conduz a fantasiar. Estamos sempre fantasiando a felicidade, seja fazendo determinada viagem, encontrando o amor da nossa vida, conseguindo trabalhar no emprego pelo qual se dedicou por anos. Tão logo alcançamos o objeto de nosso desejo, descobrimos que a realidade é muito diferente da fantasia. Desiludidos, ficamos carentes de uma nova fantasia que alimente a nossa vida. O filósofo Georges Bataille (1897-1962) correlaciona o desejo, nossas ansiedades de realização, como inerentemente uma transgressão. É porque nos vemos interditados em algo, que vemos a necessidade de superarmos esta barreira que se apresenta para nós. Todos nós temos nossas próprias barreiras, nossas próprias limitações. O que parece uma interdição para uma pessoa, para outra pode ser algo simples, e vice-versa. Fica claro que quando falamos de interdição estamos nos referindo a algo inerentemente subjetivo, que responde à história pessoal de cada um. Por exemplo, alguém que nasce numa classe social desprivilegiada pode se ver desejando superar tal barreira e poder gozar de prósperas riquezas. Nos filmes de Hollywood, os *nerds* geralmente se apaixonam pelas garotas bonitas e populares, aquelas que não querem ter nada com

eles. Desejamos, em última análise, aquilo que nos parece impossível alcançar. Pois não é só saber que algo é proibido que ficamos mais interessados? O prazer em realizarmos um desejo está intimamente relacionado com a fantasia de transgressão. É na medida em que nos vemos capazes de superar uma proibição ou impossibilidade, que o prazer emerge. Em outras palavras, prazer é a resposta fisiológica à satisfação da realização de uma fantasia transgressora. Por exemplo, possuir o amor de uma mulher ou um homem que acreditávamos impossíveis, fazer a viagem que sonhamos e trabalhamos muito para alcançá-la, passar naquele concurso super concorrido, realizar nossas perversões e fantasias sexuais mais íntimas, e por aí vai. É a própria interdição – a aparente impossibilidade ou proibição física, mental ou social daquilo se realizar – que funda o desejo como necessidade de transgredi-la.

Viver é fantasiar. Não há outro modo ou razão para viver se não sonharmos. A realidade é excessivamente angustiante e incerta, de modo que precisamos possuir certas crenças e esperanças, fantasias e desejos, para ter aquilo que as pessoas

chamam de *sentido da vida*. O sentido da vida é o nosso desejo, o que desqualifica qualquer tentativa de impor a uma multidão um destino comum. Nosso sentido, aquilo que urge realizar, não é algo simples e explicável em meia dúzia de palavras. Não é algo que se encerra com uma demanda única e inequívoca. Mas é algo que percebemos apenas com o tempo, a partir de certa repetição. Desde que eu me lembro, sempre gostei de pensar e escrever aquilo que eu pensava. Certamente isto é algo que me dá prazer, encontrando satisfação e felicidade. Dizer que o sentido da minha vida é apenas este, por outro lado, soa simplista demais. O que vou pensar e escrever? Para quem vou pensar escrever? E o que será feito disso no final? É completamente diferente escrever sobre filosofia e manter um *blog* de culinária. Foi através de muitos interesses que eu matinha, ao explorá-los, que aos poucos pude encontrar um caminho mais específico a seguir. Que é apenas um caminho dentre muitos possíveis, mas que tem a ver com minha história, meu desejo, e a minha forma singular de fazer as coisas. Se outra pessoa tentasse fazer o mesmo que eu, certamente chegaria a formas muito diferentes daquela que eu mesmo fiz. Deste modo, não há como repetir um caminho. Cada um

deve encontrar o seu somatório de coisas pelas quais se sente realizando algo.

O nosso caminho reflete a nossa fantasia perante a vida. E falo aqui de fantasia sem necessariamente querer me referir a algo falso. A realidade tem sempre estrutura de fantasia, porque a realidade nunca deixa de ser apenas uma narrativa. As histórias que contamos sobre nós, nossa família, ou o que passamos e enfrentamos são os mitos individuais que cada um cria para si. As narrativas que construímos sobre nós definem nossa existência e nos enchem de sentido. Se a existência é sofrida, prazerosa, grandiosa, épica, tediosa, uma aventura ou uma tortura, depende das palavras que usamos. Mudar uma vida é sempre mudar uma narrativa, e vice-versa. Falar sobre nossa vida possui uma função fundamental e, não por acaso, uma análise se faz falando.

Assim como cada um tem seu próprio desejo, cada um possui sua própria fantasia de mundo. Quando conhecemos uma pessoa muito diferente de nós, ficamos chocados e perguntamos: “como você pode pensar isso?”. Admitimos, sem muito questionar, que nós conhecemos a realidade e o outro se encontra

enganado nas suas próprias fantasias. Mas nós mesmos, naquilo que acreditamos e desejamos, estamos absortos em nossas fantasias. Pessoas que pensam diferentes são pessoas que fantasiam de maneira diferente sobre a vida. A tentativa de encontrar a “realidade real” é sempre fracassada, uma vez que estamos submetidos as nossas próprias crenças anteriores ao tentar perceber um objeto. Nós nunca conseguimos observar um objeto de forma neutra, pois estaremos sempre o percebendo de uma determinada perspectiva, num singular momento, a partir de uma história individual para com aquele objeto. Em outros termos, estamos sempre fantasiando sobre a realidade. E quando achamos que finalmente descobrimos o real, é sinal de que estamos mais aprisionados em nossa fantasia, pois tal é a função da fantasia: parecer realidade para nós.

Limitados sempre pela fantasia, pela linguagem que usamos, pela nossa perspectiva particular, como ter certeza sobre algo? Não há como. A posição cética nos diz para sempre duvidarmos daquilo que pensamos ou vemos, de modo que a verdade é sempre uma verdade parcial ou particular. O que não é dizer que a verdade não existe. Duas visões sobre o

problema da verdade são comuns no Ocidente. Os conservadores são aqueles que acreditam que há uma verdade, e esta é a que eles possuem. Fazem tudo para defendê-la e estão prontos para mostrar como os outros estão errados. Os relativistas, por sua vez, dizem que a verdade não existe. Cada um possui uma perspectiva da verdade, de modo que uma defesa do que é propriamente verdadeiro será mero engano. Nada é verdadeiro, tudo é possível já que é mera questão de crença. Obviamente, é difícil acreditar que o relativismo funcione em muitas situações. Há momentos que claramente há algo certo e errado. Afinal, a água ferve a 100 graus ou uma pedra cai se lançada do décimo andar, acreditamos nisso ou não.

Eu prefiro ficar com uma terceira posição sobre o assunto, que é a dos céticos. A verdade existe, mas não a temos de toda. Afinal, a verdade é sempre parcial. Por isso duvidamos, e continuamos a buscá-la sem jamais ter a certeza de possuí-la. É a visão que nos induz a aprendermos sempre um pouco mais. Do mesmo modo, lidamos com o engano não como uma obstrução a verdade, mas a verdade é feita dos enganos. Como dizia o fenomenólogo Merleau-Ponty (1908-1961), as condições pela qual uma

percepção me ilude são também a maneira pela qual ela se mostra para mim. A física aristotélica afirmava que os objetos caíam porque era da natureza deles se fossem pesados. Com a modernidade, a física descobriu que existia uma força chamada gravidade, que o próprio peso era produto desta força, e não o contrário. Certamente há uma verdade, e não podemos apelar ao relativismo para dizer que ambas as concepções podem ser corretas. Mas foi o engano de Aristóteles, analisado sob condições metodológicas, que nos permitiu perceber a força oculta nas aparências que condiciona uma pedra a cair de determinada altura.

Há sempre uma verdade nas palavras. Quando contamos uma mentira, acabamos indiretamente falando a verdade. Alguém que mente dizendo que possui mais dinheiro do que realmente detém revela apenas o quanto a riqueza é algo importante para si. Quando Pedro fala de João, descobrimos mais sobre Pedro que de João.

Schopenhauer (1788-1860) dizia que a vida é um engano. Mas complemento dizendo que para viver é necessário apostar nesse engano. É imaginar que podemos sim estar errados, mas só saberemos se

vivermos. Precisamos pagar o preço da fantasia para arriscar o desejo. Por outro lado, tememos as frustrações. Elas são desconfortáveis. Assim podemos acabar evitando o desejo para termos uma vida sem riscos. Mas a ideia de uma vida sem riscos não é menos fantasiosa. Quando nos pensamos seguros, grande é a possibilidade de sermos surpreendidos por algo que não esperávamos.

Ninguém gosta de se encontrar com as frustrações, mas elas fazem parte da vida tanto quanto as realizações. Então, como podemos lidar com elas? Vejamos a história de Des Esseintes, personagem do livro *A Rebours*, de Huysmans. Na história, o exótico personagem sonhava em conhecer a Holanda, famosa pelas suas belas paisagens. Mas ao chegar lá, se decepciona com sua ilusão do que seriam as belezas holandesas. Na verdade, sente-se mais próximo da Holanda quando num museu de arte inglês ao admirar os maravilhosos quadros de pintores holandeses que retratavam o seu país. A questão para Des Esseintes é clara: podemos desfrutar mais de algo enquanto uma ideia do que como uma experiência. A fantasia é sempre mais interessante. Por exemplo, num dia de calor,

desfrutamos mais da ideia de estarmos numa praia do que indo para a praia, pois lá teríamos que nos haver com banhistas chatos, a inadequação das nossas expectativas com a maré, um companheiro mal humorado de passeio falando coisas irritantes, a dificuldade em encontrar um repouso decente, e por aí vai. De uma festa, podemos esperar encontrar pessoas legais, música animada, um parceiro para terminar a noite. Mas a grande chance é terminar sozinho, se não acompanhado por pessoas inconvenientes e arrependido de não ter se divertido tanto quanto esperava. Para não mais se decepcionar com o mundo, Des Esseintes tranca-se em casa, e passa a desfrutar da vida através de sua imaginação, esta que não lhe desaponta jamais. Acho que não precisamos ser tão radicais, mas Des Esseintes é uma lição aos ansiosos: para quê tanta expectativa quanto ao que vai acontecer? A realidade vai ser frustrante de qualquer modo.

A receita de Schopenhauer para lidar com as frustrações não é muito complicada. A primeira lição é nos advertimos que as expectativas serão sempre frustradas. É normal, por sermos desejanter, fantasiarmos com uma satisfação ideal. Afinal, isto

nos movimenta a buscar o que desejamos. Mas nos enganamos se acreditamos que somos imunes à infelicidade. Ela existe e é um fenômeno tão comum quanto a felicidade. Por temer a primeira, abrimos mão da segunda, buscando evitar riscos inerentes a qualquer atividade. A segunda lição é que nossas angústias e infelicidades são tão importantes quanto os sucessos e satisfações. Uma das principais obras de Goethe, *Os sofrimentos do jovem Werther*, foi escrita por conta dos sofrimentos amorosos do próprio autor. Schopenhauer nos diz que o poeta retira de suas angústias particulares a totalidade que é a existência humana. Os jovens leitores da obra de Goethe se encontraram nos sofrimentos amorosos do personagem Werther porque eles mesmos experimentavam aquilo também, de modo que um poeta não é mais do que alguém atento aos seus próprios sentimentos, particulares e universais. O poeta não recusa a sua verdade.

Com Nietzsche, vemos que nossas frustrações não são apenas infelicidades, mas o que nos encoraja a viver. É curioso alguém que passou quase a vida toda doente ter pensado algo assim. Nietzsche (1844-1900) encontrou na sua doença a fonte de sua

filosofia. Foram das suas questões pessoais acerca da vida e da morte que ele encontrou seu instinto de vida. Montaigne, que se sentia muito sozinho, escreveu inúmeros ensaios como “garrafas ao mar”, e que hoje encontram milhares de leitores (e amigos) pelo mundo. Fazemos de nossas limitações e dificuldades a razão para o nosso desejo. Se observarmos a biografia de qualquer grande realizador, veremos que foram as dificuldades naquilo que desejava que lhe impulsionava, e não sua extrema perícia.

A psicanálise diagnostica as angústias como aprisionamentos do desejo. Quando o desejo se vê impossibilitado de alcançar a realidade, retorna como sofrimento e frustração. Muitas perspectivas buscam eliminar a angústia com comportamentos de adequação, fuga, ou até medicando-a. O que pode ser altamente perigoso. Não o uso necessário de medicamentos para alguns casos, mas sua banalização. Pois se a angústia é um fenômeno normal, não se trata de patologizá-la. Angústia é falta de reconhecimento para o desejo, mas também é sinal de vida. Aonde há angústia, há também o princípio de resistência ao tédio, à normalidade

banal, à repetição indefinida. Cabe ao sujeito aprender a ler sua angústia, ouvir o que ela diz sobre seu desejo, uma vez que só se angustia um sujeito desejante. Mais importante do que nos curar das nossas emoções – como tristeza, medo e ansiedade – é aprender a escutá-las. Pois elas podem falar mais de nós do que sabemos. Nossas ansiedades revelam o que realmente desejamos, como o medo aquilo que não suportamos. A tristeza fala daquilo que amamos. Quando entendemos isso, não há do que sermos curados.

Mesmo buscando dar conta da angústia, a falta não cessa. Como se espera da vida, apenas a morte representa o cessar das necessidades, dos pensamentos, dos desejos e daquilo que temos por fazer. Lembremos que o desejo é algo que não necessariamente se realiza. Numa condição de abertura e incompletude, as realizações possíveis são sempre precárias e parciais. Mas são tudo que temos. Caminhar envolve aprender que o caminho é mais importante que o destino final.

Há alguma satisfação plena possível? Sim, mas sua duração é brevíssima. Trata-se do orgasmo. Os franceses chamavam de pequena morte, enquanto os

orientais de nirvana. O momento do orgasmo é quando o prazer encontra seu ponto ápice e todas as tensões são aliviadas. Não por acaso, as religiões sempre construíram uma mística em torno da sexualidade, desde regras que impunham uma ordem de abstenção ao misticismo oriental que a exalta em exercícios tântricos. Administrar o prazer é também uma atividade política, já que o bom governo é aquele que promove a felicidade da população.

Lidamos com a sexualidade com certa dose de estranheza. Aquilo que fazemos sexualmente preferimos relegar a um espaço íntimo e dissociar da visão que as pessoas geralmente tem de nós no trabalho, na escola ou no convívio social. O que há de tão estranho para nossa imagem social? Em primeiro lugar, nós não decidimos pelo que nos sentimos atraídos. Fetiches e fantasias demonstram que até as coisas mais absurdas podem ser sexualmente atraentes. Desde pés ou saliva a determinadas vestimentas e profissões como enfermeira ou pedreiro. Consideramos íntimas nossas fantasias porque elas tendem a afrontar os ideais que socialmente queremos manter. Num século que o movimento feminista cresceu e ganha

grande importância é difícil para mulheres assumirem que na hora do sexo podem preferir fingirem-se submissas. Ou que homens, na tentativa de manter a pose de machão, se recusam a assumir que desejam ser penetrados pela mulher, ainda que isto não represente uma fantasia homossexual.

A sexualidade possui um aspecto lúdico cuja vanguarda nesta defesa está nos adeptos da prática de *bondage*⁴ e sadomasoquismo, conhecidos pela sigla *BDSM*. São pessoas que sentem prazer de serem humilhados ou escravizados pelo desejo de seus parceiros, sofrendo punições e torturas corporais. A contraparte sádica é aquela que sente prazer em escravizar e torturar o outro em jogos sexuais, com responsabilidade e *safewords*⁵. Algo que remonta na literatura da obra de Leopold Von Sacher-Masoch (1836-1895) ao famigerado Marquês de Sade (1740-1814). O que os adeptos destas práticas revelam é a capacidade de separarem suas vidas sociais da sua sexualidade. Ou ainda, que sua prática sexual seja

⁴ Prática sexual de aprisionamento

⁵ Códigos de segurança. Quando uma *safeword* é dita, a prática deve ser imediatamente interrompida. A saúde e o bem-estar físico e psicológico do praticante são também logo verificados.

legítima e represente uma forma válida de obter prazer, mas isto não os torna pessoas melhores ou piores, moralmente reprováveis ou mentalmente doentes. São absolutamente normais. Trata-se de um prazer íntimo, exercido de forma lúdica e que não interfere na vida quando saem da exclusividade de seus quartos. São bons cidadãos, excelentes pais ou filhos, profissionais competentes. Como alguém goza na intimidade não interfere em nada disso.

Freud se referia à sexualidade como perversa polimorfa por ela não possuir objetos e fins previamente estabelecidos. Assumirmos que o sexo heterossexual na posição *papai-mamãe* é o único correto e saudável trata-se de mera convenção social que toma ares de moralidade. Para Freud, a sexualidade sequer pode se resumir ao ato sexual. O que se manifesta na intimidade sexual é a mesma pulsão que nos faz trabalhar com o que gostamos, nos divertir com os amigos que admiramos ou cuidar dos filhos que tanto amamos. A pulsão é apenas uma, a diferença é a fantasia que a recobre. Freudianamente, quando um padre ou pastor realiza sua missa ou sua oração, ele não é menos sexual neste momento. Mas dedica sua energia pulsional

para fins espirituais. Uma missa ou oração bem realizada é fonte de realização pessoal para o crente, tal qual um móvel bem talhado por um carpinteiro, um show bem executado por um músico ou uma relação sexual feita por dois amantes. Quando seguro e consensual, a sexualidade representa apenas um aspecto lúdico da vida, uma forma de satisfação a dois ou mais, independente de como seja a fantasia dos amantes.

A vontade de viver e gozar reside por trás do nosso desejo e nos faz querer prolongar a vida. Mas o que seria realmente gozar da vida? Gozar é um termo que possui amplas utilizações. Fala-se em gozar no Direito quando podemos desfrutar de um bem. No sexo, fala-se em gozar quando alcançamos o orgasmo. Na vida cotidiana, podemos gozar de algo quando nos deleitamos disto, como uma boa conversa, de um elogio ou de umas férias. Não é exagerado dizer que o homem quer gozar. Marquês de Sade, que foi um grande crítico da moralidade hipócrita de sua época, demonstrou que o gozo vai para além do que entendemos por prazer. Na dor, um corpo não goza menos que na alegria. Não se trata de mera alusão ao *BDSM*, quando há prazer na

dor, mas que a dor é em si um gozo, sem que haja nisso necessariamente prazer. É preciso dissociar gozo de prazer, ainda que o prazer seja uma das modalidades de gozo. Gozar tem a ver com usufruir. Usar. Gastar. Possuir. Aproveitar. Enfim, gozar é fazer algo de.

Freud, quando ainda era neurólogo, percebeu que o aparelho psíquico era composto por neurônios bioquimicamente excitáveis. A dor ou o prazer, em termos biológicos, são igualmente excitações para o organismo. A excitação, excesso de energia, é desconfortável para o organismo, e, portanto, deve ser descarregada. Se sentirmos dor, gritamos. Se felizes também, mas de alegria. O princípio de nirvana do sistema psíquico nos diz que o objetivo do organismo é alcançar o equilíbrio, um coeficiente energético em que o corpo não é perturbado. Porém, a vida é feita de perturbações. Estamos a todo o momento sendo perturbados pelos mais diferentes estímulos que nos fazem andar, pensar, comer, defecar, amar, odiar, fugir, rir, chorar. Se há algum tipo de equilíbrio possível para o ser humano, ele deve ser dinâmico.

Um conflito se desenha ao ser humano. De um lado, o desejo dormir. A vontade de não ser perturbado, de desfrutar do conforto e da estabilidade. Do outro, o desejo de gozar. A vontade de se desequilibrar. Temos o costume de achar que uma pessoa triste ou com raiva está desequilibrada, mas uma pessoa contente ou animada não está menos desequilibrada se entendemos que ela abandonou o estado de não-perturbação. A meditação oriental é uma prática que busca induzir o sujeito a conscientemente estar neste estado de silêncio, quando as perturbações do gozo (triste ou alegre) se fazem menos presentes. Porque o gozo é sempre perturbador ao organismo. Mas o desejo de dormir não é maior que um corpo que deseja gozar. Urge internamente a necessidade de se satisfazer das mais diferentes formas. Do ato sexual a passar algumas horas filosofando, porque o pensamento não é menos um fenômeno corporal, afinal são excitações cerebrais. A grande revolução da psicanálise foi dizer que um corpo goza até quando padece. Kurt Cobain, vocalista da banda Nirvana, tinha constantes dores estomacais. Ele fez alguns exames e nada havia sido identificado pelos médicos. Mas quando cantava, Kurt dizia que cantava com seu estômago. As músicas de Kurt são

aquelas que mais profundamente mergulham em certas experiências. Não é de se admirar que desse gozo o compositor fizesse sua arte.

O humano é apaixonado não apenas pelas suas conquistas, mas também por suas dores. Nossas modalidades de amar e sofrer compõe a mística existencial particular a cada um. As paixões são os deleites de uma existência, e nossos apegos apaixonados, aquilo com que gozamos, são as coisas que nos fazem sentir realmente vivos. A poesia de um poeta, a música de um cantor, os projetos de um empreendedor, as paixões de um amante, os sintomas de um doente, os suplícios do santo, as superações de um atleta, as construções de um engenheiro, as preces de um crente, as histórias de um escritor.

A vida não se resume a amar aquilo que nos cabe, mas também saber perdê-las. Pois amar implica em algum momento perder. Não há como amar sem pagar tal preço. Montaigne teve como grande amigo Étienne de la Boétie, conterrâneo francês com quem pôde compartilhar seus pensamentos e se sentir profundamente compreendido em sua filosofia. A união, porém, durou pouco tempo. Alguns anos

depois de se conhecerem, la Boétie veio a falecer. Pelo resto da vida Montaigne viveu a saudade de tão grande amigo, e os *Ensaio*s foram uma homenagem a essa amizade.

Como lidar com as dores da perda? Sabemos que a morte é inexorável, não cede aos nossos desejos ou súplicas. A possibilidade de perder quem amamos, sejam parentes, amigos ou parceiros está posta pela aleatoriedade dos eventos da vida, e a qualquer momento uma tragédia pode acontecer. Uma tragédia porque assim percebemos todas as coisas que contrariam nossos desejos ou caprichos. Valorizamos a vida, a festa, os encontros, as boas experiências, todos os momentos de felicidade em que nos sentimos aptos a gozar. Mas toda alegria é marcada por uma finitude. A famigerada morte. E com morte quero ir além do sentido óbvio do final da vida, pois a morte é o destino de todas as coisas. Toda festa tem seu fim, todo encontro antecede um momento de separação. O que há em comum entre as alegrias e tristezas é que elas igualmente passam.

O temor da morte não é um problema do materialismo. Não é um problema de ateus que não acreditam na vida após a morte, mas mesmo pessoas

que se entendem por espiritualizadas, no mais íntimo, sentem terror diante da possibilidade de perderem a si, as coisas ou as pessoas que amam. Elas temem a finitude, e não por acaso buscam explicações metafísicas para evitarem o confronto com tal realidade. Nietzsche alertava para que não nos enganássemos. A vida é uma espécie muito rara, e não mais que apenas uma faceta do que esteve sempre morto. Todavia, a morte é uma ideia abstrata demais para aqueles que vivem, pois a morte não existe enquanto eu existo, e quando ela existir, eu não mais existirei. Sabemos apenas que há morte quando nos confrontamos com a impermanência da vida.

A impermanência é um conceito da espiritualidade budista que revela o mundo como um processo em constante transformação. As coisas mudam, as estações seguem seu próprio ritmo, a vida termina para dar lugar à morte, e da morte segue a vida sob uma nova forma. São vidas, relacionamentos, empreendimentos, entre tantas outras coisas, que encontram sua morte, para que delas nasçam novas coisas. É o ciclo de transformações do mundo, numa constante impermanência. Como um rio, que nunca

o atravessamos duas vezes. Quando voltarmos a ele, nós seremos diferentes, ou suas águas serão diferentes. No entanto, nós nos apegamos apaixonadamente a determinadas formas, e quando o mundo impera a sua transformação, nos recusamos a aceitá-la. Queremos que as coisas mantenham-se sob determinada forma e, quando elas não podem mais ser, nós sofremos. São relacionamentos que não aceitamos terem terminados, pessoas queridas que se foram e sentimos falta, experiências felizes que tivemos no passado e não conseguimos superá-las para encontrar felicidade em novos acontecimentos.

Conversava com uma amiga bióloga e ela me falava sobre seu mestrado, em que estudava certas doenças causadas por organismos microscópicos. Sendo impertinente, lhe respondi: “Não são doenças. É apenas o Tao⁶ em seu ciclo. As bactérias são seres como nós, e nós não somos seres mais especiais que elas neste Universo. Todos fazemos partes do Tao, no nosso próprio lugar, em meio a este longo caminho. O que chamamos de doença (mas pode ser

⁶ No taoísmo, traduzimos Tao por Caminho. Refere-se ao caminho natural do universo e das dez mil coisas do mundo, em que nós estamos incluídos nelas.

também morte, crise, tragédia, infelicidade, ou qualquer outra coisa) é apenas um processo que, por nos vermos como mais especiais, e desejantes de continuar vivendo, nos recusamos a aceitar a naturalidade das transformações que podem acontecer”. E ela me confirmou. A biologia também sabe disso. Nós queremos sobreviver. Nós temos desejos, ansiamos alcançar experiências felizes. O que é natural e muito justo também. Mas, na condição de seres vivos, somos limitados pelo tempo, pelo nosso corpo, por nossas condições materiais, e com isso queremos sobrepujar a própria vida. Como se na batalha contra a morte tivéssemos alguma chance de vencê-la. Vemos doença, crise, dentre tantas outras coisas, como impedimentos do mundo ao nosso desejo, e não como simples eventos aleatórios do Universo. Para o Tao, no entanto, não há uma morte, há apenas um caminho que se segue. Nós que identificamos certas partes dele como negativas para nós. O que, repito, é natural e justo pensarmos assim.

Vemos o absurdo dos eventos da vida como uma terrível maldição contra nós, que parecem acontecer apenas para nos destruir e nos fazer sofrer.

Recusamo-nos a aceitar o óbvio: não há nenhum plano maior especificamente para nós, somos apenas parte de tudo. Se soar trágico, é porque em algum momento fantasiámos que a vida deveria ser algo diferente disso. Na medida em que a vida demonstra possuir o seu próprio ritmo, os seus próprios acontecimentos, e que ela não está aqui para nos servir, caímos em sofrimento. Quando descobrimos que podemos ser vítimas da aleatoriedade da vida, passamos a nos tornar obsessivos. Tentamos controlar as coisas, as outras pessoas, as informações, todas as variáveis que temos em mão, para de algum modo tentar fazer as coisas acontecerem do nosso jeito, evitando assim que a aleatoriedade nos pegue desprevenidos em nossa luta pela realização dos nossos desejos.

A aleatoriedade está presente em todo momento de nossas vidas, e por mais que nos esforcemos, não podemos tudo controlar. Por mais cuidadoso que eu seja ao atravessar a rua, nada me garante que um carro possa surgir inesperadamente e me atropelar. Por mais que conhecemos os métodos contraceptivos, nada garante que por algum motivo absurdo a camisinha não vá furar no meio da relação

sexual. Não temos a menor garantia do próximo segundo, por mais que tentemos nos prevenir, de modo que as coisas mais absurdas são capazes de acontecer. Pode soar bem desesperador descobrir que não possuo nenhuma garantia da minha vida, de que o amor de minha parceira será eterno, de que nenhuma doença possa estragar meus planos para as férias, ou que meu caminho profissional não será estragado por um acidente aleatório. Nós não nos damos bem com um mundo de incertezas. Diante do absurdo da vida, esperamos algum tipo de garantia que possa nos amparar. Uma crença religiosa ou espiritual, política ou moral dizendo que há algo mais ou uma razão para tudo isso, que haja uma força maior para nos proteger do absurdo.

Na religião, os eventos possuem uma razão. Quando uma desgraça acontece, é porque Deus está nos testando e futuramente irá nos recompensar. Assim não nos sentimos injustiçados e revoltados, mas aceitamos os infortúnios com resiliência. A religião nos devolve o amparo que quando éramos crianças sentíamos de nossos pais. Acreditamos que nossas preces podem nos proteger, e que os contratempos são apenas dificuldades necessárias impostas por este

poder maior e benevolente. Não por acaso, Freud dizia que lidamos com Deus como um substituto dos nossos pais. O próprio vocativo de Deus como Pai no Ocidente aponta para algo neste sentido.

O monoteísmo não é a forma de espiritualidade mais comum. Nas antigas sociedades, o politeísmo era a forma de lidar com o absurdo de um mundo desconhecido. O mundo, que sempre foi maior do que nós, era personificado, e as forças da natureza ou os corpos celestes que determinavam a vida na terra eram chamados de deuses. Não apenas as forças da natureza, como o vento e as águas, mas ideias e acontecimentos assumiam faces de entidades sobrenaturais, como a morte, o nascimento, o envelhecimento, a guerra, o amor, a amizade, a poesia. Deuses e espíritos eram projeções do que sempre foram gigantes da natureza ou qualidades humanas. Nossa tendência para a idolatria é tanta que ainda hoje tendemos a projetar nossas criações como deuses externos, tais como economistas que fazem de tudo para não irritar o deus mercado, ainda que precisem sacrificar as classes mais pobres da sociedade em seu nome. Na contemporaneidade vivemos ainda sob certo tipo de politeísmo, do culto

aos heróis do cinema aos nossos mais altos valores ideológicos.

O estabelecimento do monoteísmo na história da humanidade acontece com Moisés, embora uma tentativa anterior já tivesse acontecido no Antigo Egito, mas fracassada. O judaísmo inicia a corrente das religiões abraâmicas, que mais tarde será somada ao cristianismo e o islamismo, representando hoje o maior número de fiéis no mundo. Diferente do politeísmo, o monoteísmo exige que apenas um deus possa ser adorado, pois apenas um deles pode ser verdadeiro. Se os povos antigos podiam aceitar que os deuses aos quais deviam favores eram diferentes dos deuses da tribo vizinha, o monoteísmo pós-judaico impõe a existência de um deus único para todos⁷.

Quando terminava a minha graduação em psicologia e resolvíamos os preparativos para a celebração da colação de grau, houve uma grande polêmica porque parte da turma (da qual eu era integrante) propôs que fosse retirado da cerimônia o trecho de homenagem

⁷ Historicamente, os judeus foram mais tolerantes quanto a isso que cristãos e mulçumanos.

a Deus. Que se homenageassem os pais, mestres, amigos, ausentes, mas não havia sentido homenagear a Deus. Afinal, estamos num estado laico de valores liberais, o que implica na abstenção da promoção daquilo que são valores privados. Nem todos os alunos compartilhavam das mesmas crenças religiosas, e não é porque uma maioria era cristã que a minoria deveria ser forçada a algo num momento tão importante de suas vidas. O argumento a favor da homenagem a Deus, por sua vez, era que “Deus pode ter vários nomes, mas no fundo é um só”. Isto revela exatamente como o monoteísmo professa, ainda que se oculte sob uma suposta tolerância. Alá ou Krishna não são simples nomes diferentes para o mesmo Deus, mas são visões completamente distintas do que é um Deus e quais são seus desígnios. Há ainda religiões sincréticas no Brasil que se aproximam mais do politeísmo que do monoteísmo e, não menos importante, há ateus que nenhum deus veneram. Apelar para Deus como uma forma geral das pessoas se referirem à espiritualidade é mascarar a diferença de crenças sob a imposição de uma visão muito particular de divindade. Após um longo debate, decidiu-se por votação democrática

que o mais correto seria realmente retirar a homenagem a Deus do cerimonial.

Com as críticas da ciência moderna à possibilidade de existir uma entidade divina no comando do Universo, nos últimos séculos se tornou popular a perspectiva panteísta, defendida no Ocidente principalmente pelo filósofo Spinoza (1632-1677). Segundo ela, Deus e o Universo seriam a mesma coisa. Deus é o mundo, fazendo parte de tudo e de todos, inclusive nós. Não seria uma entidade onipotente à parte, mas Ele é o próprio Universo, e nós ou as coisas a Sua manifestação. Contra essa visão, Fernando Pessoa fez uma brilhante crítica no poema *Há metafísica bastante em não pensar em nada*, sob o pseudônimo de Alberto Caeiro. Diz Pessoa: “*Mas se Deus é as árvores e as flores e os montes e o luar e o sol, para que lhe chamo eu Deus? Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar*”. Com esta simples afirmativa, o poeta português demonstra como pode ser sedutor dotar de misticismo a realidade Mas se Deus é o Universo, por que chamar o Universo de Deus e não simplesmente de Universo?

Particularmente, minha posição é agnóstica⁸ diante da questão divina e espiritual. Acredito que, se há algo parecido com uma divindade, estamos muito longe de possuir meios para compreendermos. Há questões imediatamente mais importantes, como o problema da desigualdade social, as crises ambientais, os paradoxos éticos da convivência humana.

Quando frequentava o templo taoísta no Rio de Janeiro, um amigo que era sacerdote na instituição me questionou como podia conciliar a filosofia moderna, atea e cética, com a doutrina tradicional do taoísmo. Disse para ele que não era difícil. O taoísmo foi criado por chineses milênios no passado. Era a forma de um povo agrário lidar com o mundo, aprenderem com suas transformações, sobreviverem e prosperarem. Seria completamente anacrônico, porém, eu imaginar que tudo aquilo que fora dito por eles é igualmente válido na contemporaneidade, muitos milênios existindo entre nós e eles, bem como o contexto social e geográfico inteiramente

⁸ O escritor argentino Jorge Luis Borges (1899-1986) afirmou sobre o agnosticismo: "Este mundo é tão estranho, tudo pode acontecer, ou não acontecer. Ser um agnóstico me permite viver em um mundo mais amplo (...) Isso me faz mais tolerante."

distintos. Eles não tinham noção de ideias e conceitos que só recentemente puderam ser descobertos pelo avanço tecnológico, como microscópios e telescópios. Imaginar que eles já tivessem toda a verdade obtida por revelação é fundamentalismo. O que não implica em descartar tudo que eles pensaram, já que considero a doutrina taoísta uma das filosofias mais interessantes, e ainda hoje pode nos ensinar valiosas lições. Claro que não faço sua leitura sem um forte senso crítico, avaliando o que é universal e o que é característico de sua própria história. Deste modo, podemos nos aproveitar das conquistas da humanidade realizadas no passado, sem necessariamente precisarmos carregar junto com elas as mistificações que aconteceram simplesmente por faltar aos nossos antepassados o acesso a informação que hoje possuímos. Na verdade, precisamos reconhecer e exaltar o quanto nossos antepassados foram capazes de pensar e refletir sem as facilidades que temos hoje de acesso a informação e a divulgação de nossas ideias.

Todavia, ser ateu ainda hoje não é algo fácil de assumir. As pessoas tendem a associar ausência de

crença em deus como sinônimo de maldade, ainda que atos vis e cruéis sejam realizados igualmente por pessoas crentes e tementes a deus. A história da humanidade devia ser suficiente para mostrar que amar a Deus nunca foi motivo para o homem evitar cometer atrocidades, mas foi em seu nome que, por exemplo, a Inquisição católica torturou e assassinou. Evidentemente, uma postura ética independe de religião. Há pessoas boas tanto na religião como fora dela, e o contrário também é verdadeiro.

O conceito de ateísmo não é dado em si mesmo, tal como qualquer conceito na filosofia. Figuras como Jesus Cristo e Sócrates já foram acusadas de ateísmo. É de se imaginar, portanto, que o conceito de ateísmo implica numa discursividade, numa determinada relação e sentido histórico-social. A discursividade ateia de Cristo não é a mesma de Sócrates, que por sua vez não é a mesma de Nietzsche, como por sua vez não é a mesma do cientista Richard Dawkins (1941-). Não há uma definição única para o ateu, mas o ateísmo de modo geral representa alguém que é cético a determinadas crenças, apresentando uma visão crítica do que se tem por socialmente estabelecido.

Cabe nos questionarmos: é papel da religião servir de consolo para nossas inseguranças? Será função da espiritualidade servir de véu para nosso desamparado, ocultando que a vida é mesmo absurda? O quão emocionalmente maduro está quem espera que Deus seja uma garantia para ocultar que a vida é angustiante e incerta? Não é preciso ser ateu, desacreditar em espíritos ou reencarnação para dar-se conta que, no cotidiano, ainda que algumas pessoas possam ser verdadeiras companheiras, não há nada ou ninguém que nos ampare absolutamente. Independente de suas crenças religiosas, esperar que os outros (ou o Outro divino) atendam nossos caprichos e impeça todas as injustiças ao nosso favor é um tanto quanto infantil. Ser emocionalmente maduro, por sua vez, é descobrir seus próprios meios para se amparar. Contemplar a solidão do ser, aceitá-la e renascer a partir dela.

Nietzsche, antes de ver no desamparo razão para crise, lugar para a falta de esperança, afirmou que devíamos celebrar a vida com todas suas dúvidas, angústias e incertezas. Albert Camus (1913-1960) partiu exatamente do ponto em que Nietzsche havia deixado para estabelecer a sua filosofia. Camus dizia

que a vida é absurda. Não há como explicá-la, controlá-la ou mesmo saber o que se esperar dela. O único problema filosófico verdadeiro para Camus é o suicídio, todos os demais são pequenezas. E ele não podia estar mais certo. Afinal, o que faz alguém escolher a vida, com todas suas incertezas, agonias e absurdos, e não a morte, quando esta última pode representar o fim dos tormentos que experimentamos em vida? O que justifica a vida? Todo este ensaio seria irrelevante se eu não pudesse responder isso.

Só pensamos que a vida é trágica quando nossas expectativas pelo que ela deveria ser são frustradas. Não por acaso, Nietzsche diz para celebrarmos a vida como ela é. Enquanto Schopenhauer via a frustração como empecilho para o desejo, Nietzsche disse:

E se o prazer e o desgosto estiverem tão intimamente ligados que todos aqueles que quiserem obter o máximo possível de um devem também ter o máximo possível do outro. (...) se desejar diminuir e reduzir o nível de sofrimento humano, tem-se também de diminuir e reduzir o nível de sua capacidade para a alegria.

Os mais grandiosos projetos humanos sempre foram inseparáveis dos tormentos a eles associados. As origens de nossas maiores alegrias residem juntas dos nossos maiores sofrimentos. Pois ninguém é capaz de produzir uma grande obra de arte sem ter grande experiência, ou alcançar uma posição de uma hora para outra, ou ser um grande amante na primeira tentativa. No intervalo entre o fracasso inicial e o sucesso está o espaço e o tempo em que sentimos dor, ansiedade, inveja e humilhação. Somos tentados a pensar que os *Ensaio*s saíram das mãos de Montaigne como um passe de mágica, e interpretamos erroneamente nossas tentativas fracassadas como inaptidão para fazer igual tarefa. Antes deveríamos reconhecer o esforço colossal por trás de tal obra, e tentar imaginar o número incontável de dias, trabalhos e revisões que os *Ensaio*s exigiram. Tome qualquer outra obra humana que considere relevante e poderá extrair a mesma conclusão.

Na questão do suicídio apresentada por Camus, a morte pode ser imaginada como o fim do tormento para alguns, mas escolher a vida tampouco pode significar abandoná-lo. No final, tudo que podemos

fazer é transformar nossos tormentos em arte. Não que todos serão artistas, mas cada um possui sua própria arte. Sucesso nada mais é que realizar algo da sucessão das questões que nos atingem em vida. O reconhecimento pode tardar, ou nunca nos alcançar em vida, como foi o caso de Nietzsche e Sócrates, mas o desejo tem pouco a ver com sua completa realização. Criar um filho, escrever um livro, viajar o mundo, rir com os amigos ou plantar uma árvore podem ser manifestações do nosso desejo. Coisas pelas quais nos dedicamos e ficamos felizes por isso. A recompensa já está posta pela sua execução. Tudo se resume naquilo que fazemos pelo que amamos.

E como lidar com a perda do que amamos? Novamente temos que admitir o limite de nosso saber. Aceitar a incapacidade de tudo sabermos. Cito meu amigo Raph Arrais (1977-), num de seus textos que considero mais belos⁹:

É então que, conforme nos alertou o Dalai Lama, vivemos como se não fôssemos morrer, e morremos como se jamais tivéssemos vivido... Esta sim é a sina dos que se abstém de amar,

⁹ <http://textosparareflexao.blogspot.com/2012/04/amar-e-perder.html>

por temor da perda, e terminam os seus dias com um certo arrependimento obscuro de nunca terem tido a chance de absorver um pouco da luz do Sol, mesmo que para nunca mais ter a mesma experiência... Quem vai saber? Quem pode definir quantas vezes irá amar, e quantas vezes irá perder o amor? Quantas vezes será verdadeiramente feliz, para então voltar ao estado de tristeza habitual: a tristeza de ter experimentado o Céu, para uma vez mais cair no pântano do Mundo?

*A única coisa que o sábio poderá responder é: “não sabemos, não fazemos a menor ideia”.
(...)*

É isto, é apenas isto, o grande sentido, a misteriosa e escancarada essência da vida: é, sim, melhor, muito melhor, ter amado tanto, e cada vez mais, e ter sofrido tanto por saudade deste amor, e cada vez mais, do que nunca haver sequer amado, do que se despedir desta vida sem saudades, sem grandes tristezas e sem momentos de felicidade realmente dignos de nota.

Como Raph nos diz, é melhor ter vivido e perdido, do que sequer ter vivido.

Então termino com a pergunta: por que alcançar o sucesso para um dia inevitavelmente morrer? Como falar em sucesso se a vida é curta e passageira, e muito do que fazemos tem poucas chances de sobreviver ao nosso fim ou o passar dos séculos? É porque, apaixonados pela grandeza, não admiramos o valor das coisas pequenas.

Uma vez vivos, temos o desejo de viver, poder gozar da vida e aproveitá-la. A maior lição da psicanálise é que a vida humana nunca é só vida. Nós não estamos simplesmente vivos, mas somos possuídos por uma estranha pulsão de gozar a vida em excesso, apegados apaixonadamente a um excedente que sempre estraga o funcionamento comum e esperado das coisas. Mas somos marcados pela finitude. Nossa vida não se prolonga eternamente, de modo que somos sempre lembrados da transitoriedade da vida. Seja quando perdemos pessoas amadas, ou nas próprias transformações que se sucedem ao longo do nosso tempo, como relacionamentos que começam e terminam, amigos que chegam e partem, trabalhos que somos convocados a realizar e depois

dispensados, a beleza e a juventude do nosso corpo que se esvaem. Por fim, o nosso próprio fim. Nossa inevitável morte. Muitas de nossas realizações não ficarão para a história, mas serão apagadas nas areias do tempo. O desejo de viver e gozar é assim um desejo limitado pela finitude. Mas é a mesma finitude que fornece sentido ao desejo de viver e gozar. É porque a vida tem um fim que as coisas possuem um sentido. A eternidade, por outro lado, seria uma constância absoluta, em que todo dia nada de especial existiria já que tudo seria eterno e igual. Mas é porque as coisas terminam, há o novo e a diferença, que as coisas adquirem valor.

Quando a beleza de uma flor que desabrocha dura apenas alguns dias há o desejo de aproveitar enquanto a beleza da flor existe. Se a flor existisse para sempre, perderia sua preciosidade, perderia a sua beleza. Porque nossos amores, amizades, trabalhos, prazeres e sofrimentos possuem um tempo, é que há uma razão para serem vividos. É porque a nossa própria vida é frágil e fugaz que ela possui todo seu valor, e não o contrário. Gozamos porque as coisas são mesmo breves.

Sobre o autor

Igor Teo, descendente de espanhóis, nasceu na capital do Rio de Janeiro. Quando tinha um ano, mudou-se com seus pais para a cidade de Saquarema, no interior-litoral do estado do Rio de Janeiro. Passou a infância e a adolescência na cidade até quando, aos 17 anos, foi sozinho para a capital. Na ocasião, iniciou seus estudos de graduação em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. No ano seguinte a conclusão do curso, ingressou no mestrado em Psicanálise da mesma instituição com o tema de pesquisa *neurociências e psicanálise*. Desde jovem escreve para jornais e *internet*, contando com textos sobre filosofia, psicologia, espiritualidade e política. Pela via literária já publicou alguns contos e poesias. Autor de livros publicados pelas *Edições Textos para Reflexão*. Atua desde a formação como psicanalista, atendendo pacientes com as mais diversas questões em sua clínica.

Para mais informações sobre o autor, conhecer seus escritos e vídeos, acesse o site: igorteo.com.br

Acompanhe nas redes sociais:

[Facebook](#)

[YouTube](#)

[Medium](#)